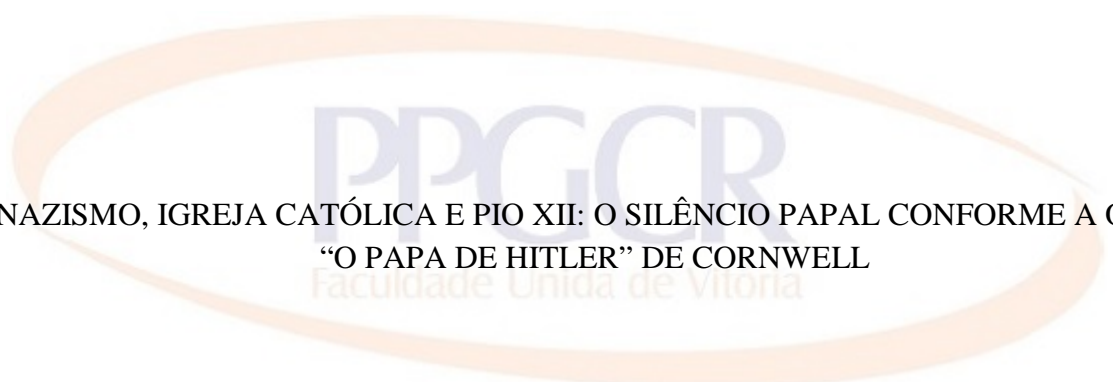


FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

ANDRÉ DE OLIVEIRA PEREIRA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 25/02/2019.

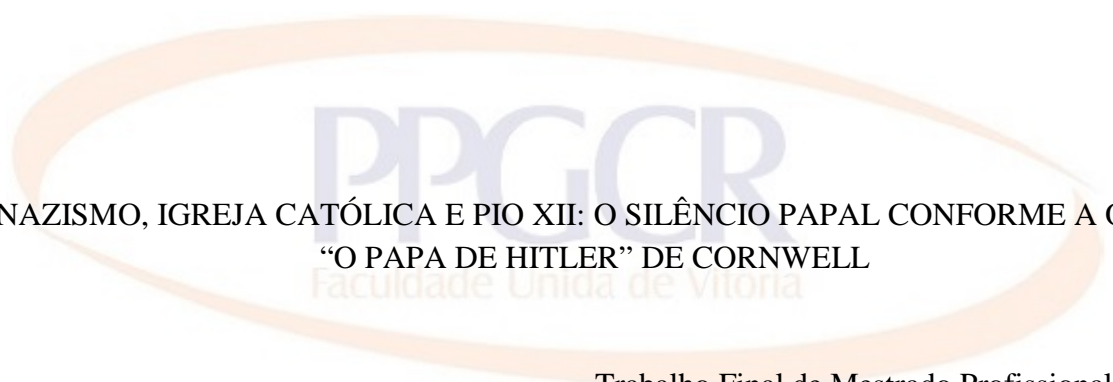


NAZISMO, IGREJA CATÓLICA E PIO XII: O SILÊNCIO PAPAL CONFORME A OBRA  
“O PAPA DE HITLER” DE CORNWELL

VITÓRIA  
2019

ANDRÉ DE OLIVEIRA PEREIRA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 25/02/2019.



NAZISMO, IGREJA CATÓLICA E PIO XII: O SILÊNCIO PAPAL CONFORME A OBRA  
“O PAPA DE HITLER” DE CORNWELL

Trabalho Final de Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestre em Ciências das Religiões  
Faculdade Unida de Vitória  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de pesquisa: Religião e Esfera Pública

Orientador: Dr. Wanderley Pereira da Rosa

Vitória - ES  
2019

Pereira, André de Oliveira

Nazismo, igreja católica e Pio XII / O silêncio papal conforme a obra  
“O Papa de Hitler” de Cornwell / André de Oliveira Pereira. – Vitória:  
UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2019.

vii, 78 f. ; 31 cm.

Orientador: Wanderley Pereira da Rosa

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória,  
2019.

Referências bibliográficas: f. 74-78

1. Ciências das religiões. 2. Religião e esfera pública. 3. Nazismo.
4. Antissemitismo. 5. Holocausto. 6. Pio XII. 7. Igreja Católica. - Tese.
- I. André de Oliveira Pereira. II. Faculdade Unida de Vitória, 2019.
- III. Título.

ANDRÉ DE OLIVEIRA PEREIRA

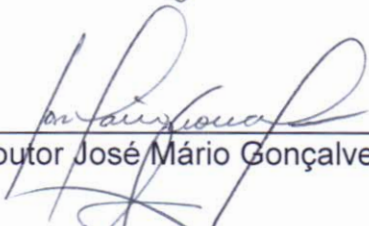
NAZISMO, IGREJA CATÓLICA E PIO XII: O SILÊNCIO PAPAL CONFORME A  
OBRA “O PAPA DE HITLER”, DE JOHN CORNWELL

PPGCR  
Faculdade Unida de Vitória

Dissertação para obtenção do grau  
de Mestre em Ciências das  
Religiões no Programa de Mestrado  
Profissional em Ciências das  
Religiões da Faculdade Unida de  
Vitória.



Doutor Wanderley Pereira da Rosa – UNIDA (presidente)



Doutor José Mário Gonçalves – UNIDA



Doutor Sérgio Luiz Marlow



Os tolos se multiplicam quando os sábios ficam em silêncio.

Nelson Mandela

## AGRADECIMENTOS

A minha família, amigos e a Deus, principalmente, por esta longa e desafiadora caminhada.



## RESUMO

Neste estudo, o foco da análise recai sobre a atuação política do papa Pio XII perante o nazismo e o Holocausto produzidos pela ideologia comandada por Hitler. Nessa perspectiva, foram analisadas posturas do pontífice frente ao regime de Hitler, a partir de pesquisa documental, que abarcou, especialmente, cartas de Pio XII, e pesquisa bibliográfica, a qual teve como referências, sobretudo, as obras “O papa de Hitler”, de Jonh Cornwell, e “Os judeus do papa”, de Gordon Thomas. A análise centrou-se nos questionamentos em relação ao fato de Pio XII ter ou não silenciado perante as atitudes do ditador nazista e seus colaboradores.

Palavras-chave: Nazismo. Antissemitismo. Holocausto. Pio XII. Igreja Católica.



## ABSTRACT

In this study, the focus of the analysis rests on the political performance of Pope Pius XII in the face of Nazism and the Holocaust produced by the ideology commanded by Hitler. In this perspective, the pope's positions with the Hitler regime were analyzed, based on documentary research, which included, especially, letters from Pius XII, and bibliographical research, which was mainly referred to as “Hitler's Pope”, by John Cornwell, and “The Jews of the Pope”, by Gordon Thomas. The analysis focused on the questioning of whether or not Pius XII was silenced by the attitudes of the Nazi dictator and his collaborators.

Keywords: Nazism. Anti-Semitism. Holocaust. Pius XII. Catholic Church.





## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 A IGREJA CATÓLICA E O NAZISMO.....	12
1.1 Contexto sociopolítico da Alemanha na primeira metade do século XX.....	12
1.1.1 Quem foi Adolf Hitler? .....	16
1.1.2 Ascensão e queda do nazismo .....	20
1.2 A Igreja Católica e o Estado .....	26
1.3 A colaboração do protestantismo para o desenvolvimento do nazismo.....	30
2 O ITINERÁRIO DO PAPA PIO XII .....	34
2.1 Quem foi o papa Pio XII?.....	34
2.2 O nazismo e a figura papal .....	38
2.2.1 O Papa apoiou ou não o nazismo?.....	43
2.2.1.1 Análise de “O papa de Hitler”, de John Cornwell.....	48
2.2.1.2 Análise de “Judeus do papa”, de Gordon Thomas .....	50
3 A RELAÇÃO DE PIO XII COM O ANTISSEMITISMO E O HOLOCAUSTO.....	53
3.1 Uma breve reflexão sobre o antissemitismo moderno .....	53
3.2 O que foi o Holocausto? .....	57
3.2.1 O Holocausto na voz de duas sobreviventes .....	61
3.3 Pio XII e o Holocausto .....	65
3.4 Pio XII: um antissemita? .....	69
CONCLUSÃO.....	71
REFERÊNCIAS .....	74

## INTRODUÇÃO

A história do século XX foi marcada por diversas guerras e crises. Uma delas foi a Primeira Guerra Mundial, deixando a Alemanha em acentuado *déficit* econômico e desordem social. A partir disso, rapidamente surgiram movimentos políticos que tomaram conta das ruas de suas cidades para atribuir aos judeus grande parte da culpa dos problemas da economia.

Como afirma Eric Hobsbawm, “o antissemitismo de base deu substrato a movimentos fascistas europeus orientais, que adquiriram uma base de massa”<sup>1</sup>. Como consequência da “Grande Depressão”, “Hitler foi guindado de um fenômeno de periferia política a senhor potencial [...] no, finalmente, concretizado ditador do país”<sup>2</sup>.

Enquanto o alemão ganhava notoriedade política, Eugenio Pacelli usufruía de sua condição de secretário de Estado do Vaticano. Em meio a conflitos ideológicos, Pacelli já temia a chegada do ditador como favorito do Partido Nacional Socialista. O italiano foi considerado papa pela Santa Sé. Coroado em 12 de março de 1939, foi, então, chamado de papa Pio XII<sup>3</sup>.

Neste estudo, pretende-se analisar a atuação política do papa Pio XII perante o nazismo e o Holocausto produzidos pela ideologia comandada por Hitler. Para tanto, o foco da análise recai sobre os argumentos deste papa e sobre os debates teóricos a respeito de sua atuação e de seu conhecimento em relação aos dois fenômenos.

Nesse intuito, alguns questionamentos constituem-se em guias para esta pesquisa: quais foram os posicionamentos do Papa Pio XII antes e depois da ascensão de Hitler? Como Pio XII se portou diante da problemática judia, que se fazia evidente na sociedade europeia? Quem são os autores que defendem o comportamento de Pio XII em seu pontificado? Quais os que lhe direcionam críticas? Pio XII foi o “papa dos judeus” ou o “papa de Hitler”?

A presente pesquisa caracteriza-se como descritiva, a qual implica gerar novos conhecimentos para o campo da ciência, sem o compromisso de uma aplicação para problemas imediatos. A partir de seu objetivo, o estudo descreve os fatos e fenômenos que se

---

<sup>1</sup> HOBBSAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 133.

<sup>2</sup> HOBBSAWM, 1995, p. 123.

<sup>3</sup> LENN, Lottie; H. REARDON, Mary A. *O Papa Pio XII: baluarte da paz*. São Paulo: Melhoramentos, 1954. p. 104.

apresentam na sociedade. Seu desenvolvimento deu-se a partir de análise documental, a qual, segundo Gil<sup>4</sup>, pode explorar documentos

[...] conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos etc. Incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc.

Nesse sentido, foram analisadas as cartas de Pio XII, fontes originais, divulgadas por arquivos da Igreja Católica. No intuito de questionar algumas atitudes do papa e traçar uma linha teórica para o desenvolvimento do estudo, adicionalmente, usamos o recurso da pesquisa bibliográfica, o que permite ao leitor enxergar os conflitos e paradoxos entre as teorias já existentes.

Tal opção foi feita, visto que, segundo Gil<sup>5</sup>, esta tipologia é útil às “[...] pesquisas sobre ideologias, bem como [para] aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema [...]”. A pesquisa bibliográfica, portanto, foi essencial a este estudo, o qual aborda diferentes pontos de vistas a respeito de um tema polêmico, a saber, os questionamentos sobre o silêncio de Pio XII frente à atuação do Nazismo de Hitler.

Analisamos as discussões que tangenciaram o objeto deste estudo nos últimos 50 anos. Utilizamos como norte “O papa de Hitler”, de John Cornwell<sup>6</sup>, que se constitui em um livro de caráter historiográfico, de memória e compreensão pública da vida deste que é tido como um dos papas mais emblemáticos da história da Igreja Católica. Tal obra, portanto, pode ser considerada, no dizer de Gil<sup>7</sup>, como livro de referência. Conforme o mesmo autor, há “[...] livros de referência informativa, que contém a informação que se busca, e livros de referência remissiva, que remetem a outras fontes”. Neste projeto, buscamos enfatizar aspectos relevantes encontrados tanto na bibliografia informativa quando nas remissiva.

Altamente questionado, o livro de John Cornwell é uma das obras mais importantes sobre o papa, tendo sido alvo de recente pesquisa sobre Pio XII, empreendida por Gordon Thomas<sup>8</sup>. Em “Os judeus do papa”, Thomas critica e analisa a veracidade dos argumentos de Cornwell sobre o antissemitismo e o silêncio papal. A obra deste autor foi selecionada para a discussão realizada no âmbito deste trabalho por apresentar essa contraposição e dar um novo

<sup>4</sup> GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisas*. São Paulo: Atlas, 2002. p. 46.

<sup>5</sup> GIL, 2002, p. 44.

<sup>6</sup> CORNWELL, John. *O papa de Hitler: a história secreta de Pio XII*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

<sup>7</sup> GIL, 2002, p. 44.

<sup>8</sup> THOMAS, Gordon. *Os judeus do papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

panorama a respeito da polêmica em relação ao silêncio papal. Além destes, outros livros foram consultados, assim como artigos científicos, enciclopédias e dicionários.

Não ocorreu o delineamento de hipótese para este estudo. A partir das hipóteses com as quais Cornwell e Thomas trabalham em suas respectivas obras, esta dissertação buscou deixar nítidas as posições desses autores e suas contradições a respeito do tema.

No que diz respeito à estrutura do trabalho, no primeiro capítulo, o objetivo é descrever sobre como se encontrava a Alemanha com a Grande Depressão e com o surgimento de vários movimentos radicais na luta em favor ou não dos judeus. Posteriormente, são caracterizados o regime totalitário e o pontificado do papa Pio IX, que antecedeu Pio XII.

No segundo capítulo, será analisada a trajetória de Pio XII ainda jovem: as influências que recebeu de seu pai e de sua mãe e sua relação com a religião. Apresenta-se, ainda, uma descrição sobre como os judeus se inseriam na sociedade da época, lembrando, também, o antissemitismo, que, por sua vez, fez parte da formação acadêmica do futuro papa. Em seguida, são apresentados os argumentos defendidos pelos autores que pesquisaram sobre a atitude de Pio XII em relação ao Holocausto, evidenciados nos arquivos posteriormente liberados pelo Vaticano. Entretanto, vale ressaltar que, antes mesmo dos defensores, havia alguns críticos do silêncio e da diplomacia do papa diante da perseguição aos judeus.

Por fim, o terceiro capítulo analisa o que foi o fenômeno do Holocausto para alguns autores, discutindo-se a participação da Igreja Católica perante a “Solução final”, plano para exterminar os judeus na sua totalidade. Na sequência, a partir da postura de Pio XII, discorre-se sobre a existência ou não de uma consciência do pontífice em relação ao Holocausto.

## 1 A IGREJA CATÓLICA E O NAZISMO

Neste capítulo, discorre-se sobre como a crise econômica posterior à Primeira Guerra Mundial constituiu-se em palco para a ascensão de regimes totalitários, incluindo aí o que tem na figura de Adolf Hitler personagem principal. Analisa-se sua trajetória de vida, desde a infância até a ascensão ao trono do Terceiro *Reich*. Destacam-se, também, as dificuldades nas decisões diplomáticas da Igreja Católica e de igrejas protestantes ao se relacionarem com o Partido Nazista.

### 1.1 Contexto sociopolítico da Alemanha na primeira metade do século XX

O contexto sociopolítico do século XX foi marcado por duas grandes guerras. Para Hobsbawm, “o grande edifício da civilização do século XX desmoronou nas chamas da guerra mundial, quando suas colunas ruíram. Não há como compreender o breve século XX sem ela”<sup>9</sup>. As grandes potências mundiais estavam arruinadas. A exacerbação da racionalidade de cada poder político foi desmoronada pelo assassinato em massa dos europeus na Primeira Guerra Mundial. O “Velho Continente” se encontrava abalado com a grande crise civilizatória pela qual estava atravessando, decorrente dos investimentos feitos em exércitos de suas nações.

Afirma Hobsbawm que “as origens da Primeira Guerra Mundial [...] repousam na natureza de uma situação internacional em processo de deterioração progressiva, que escapava cada vez mais ao controle dos governos”<sup>10</sup>. Sua tese sobre o surgimento deste conflito remonta à falta de controle dos Estados, em nível global, com relação às estratégias econômicas e sociais para a crise pela qual a maioria passava. A natureza da ordem foi a desordem, possivelmente, porque as

Nações-Estados do século XX talvez mais do que qualquer outra forma anterior de Estado são *nós-Estados-organizações* com que, em graus variáveis, todos os estratos sociais se identificam de que no caso delas a solidariedade e a lealdade estão asseguradas<sup>11</sup>.

Era em meio à desordem que se encontravam os movimentos de massa. A falta de controle do governo diante das massas e também o crescimento da influência do liberalismo

<sup>9</sup> HOBBSAWM, 1995, p. 30.

<sup>10</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos impérios: 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2011. p. 478.

<sup>11</sup> ELIAS, Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997. p. 313.

na economia da Europa na primeira metade do século XX possibilitaram maior facilidade para a prática da eugenia, inclusive, com o financiamento de empresas que a ela se dedicavam. A partir de Domenico Losurdo<sup>12</sup>, sabemos que o liberalismo político do século XX, pautado na ideologia burguesa, esvaziou os movimentos de massa, deslegitimando-as.

Adicionalmente, os laboratórios de pesquisas científicas em genética humana tiveram suas preocupações a respeito da eugenia<sup>13</sup>, cuja prática se desencadeava no século XX. Tanto nos Estados Unidos quanto na Europa surgiu a ideia de uma única raça, impulsionada por um novo modelo de darwinismo social que estava sendo criado por cientistas em favor da política antisemita: a raça pura, branca, sem doenças e com predisposições genéticas favoráveis ao avanço da “seleção natural”.

Esses aspectos guiaram a civilização no início do século XX. Segundo Losurdo, “os esforços para preservar a ‘pureza da raça’ no Sul dos Estados Unidos antecipavam alguns aspectos da perseguição desencadeada pelo regime nazista contra os hebreus nos anos trinta do século XX”<sup>14</sup>.

No entanto, tal como os Estados Unidos, na América, a Alemanha, na Europa, entrou em colapso, passando por diversas crises políticas, econômicas e sociais. No período entre as guerras, na análise de Hobsbawm, “[...] a economia mundial capitalista pareceu desmoronar. Ninguém sabia exatamente se poderia recuperá-la”<sup>15</sup>. O enfraquecimento desse modelo de produção ocorria em função da queda da bolsa de valores, dando lugar à Crise de 1929. Como afirma Claude Lefort, “o liberalismo havia forjado a ficção de uma sociedade que se ordenava espontaneamente graças a uma livre concorrência entre proprietários independentes e na qual o Estado se limitava a fazer respeitar as regras do jogo e a proteger as pessoas e os bens”<sup>16</sup>.

Pouca matéria-prima, poucos trabalhadores, em razão das baixas sofridas logo após a Primeira Guerra... O mundo estava entrando em nova fase, a chamada “Grande Depressão”. “O fluxo internacional de capital pareceu secar entre 1927 e 1933, os empréstimos internacionais caíram mais de 90%”<sup>17</sup>. A possibilidade de emprego era quase nula. Como narra Hobsbawm, “na Alemanha, em 1923, a unidade monetária foi reduzida a um milionésimo de milhão de seu valor de 1913, ou seja, na prática, o valor da moeda foi

<sup>12</sup> LOSURDO, Domenico. *Contra-história do liberalismo*. São Paulo: Ideias & Letras, 2006. p. 354.

<sup>13</sup> GUERRA, Andréa Trevas Maciel. Do holocausto nazista à nova eugenia no século XXI. *Ciência e Cultura.*, v. 58, n. 1, p. 4-5, 2006.

<sup>14</sup> LOSURDO, 2006, p. 354.

<sup>15</sup> HOBBSAWM, 1995, p. 91.

<sup>16</sup> LEFORT, Claude. *A invenção da democracia: os limites da dominação totalitária*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011. p. 90.

<sup>17</sup> HOBBSAWM, 1995, p. 93.



reduzido a zero”<sup>18</sup>. A hiperinflação gerou na economia alemã a diminuição da renda *per capita*, somada ao desemprego em massa. Alguns fatores contribuíram para o desenvolvimento da hiperinflação na Alemanha, destacando-se dois, em especial:

a queda dos preços dos produtos primários (que deixavam de cair ainda mais pelo acúmulo feito de estoques cada vez maiores) simplesmente demonstrou que a demanda deles [*sic*] não conseguia acompanhar a capacidade de produção. Tampouco devemos desdenhar o fato de que o *Boom*, como se deu, foi em grande parte alimentado pelo enorme fluxo de capital internacional<sup>19</sup>.

A queda dos preços primários e a entrada do capital internacional, mediada pelas empresas estrangeiras, são fenômenos que justificam a “Grande Depressão” na Alemanha. A desvalorização da moeda fez com que o país visse cair sua produção interna, dando aos estrangeiros liberdade nos negócios dentro da Alemanha.

Novos movimentos sociopolíticos surgem na Alemanha nesse período, sendo que o mais conhecido foi o movimento fascista, o qual chegou ao seu auge no império de Hitler. Hobsbawm chega a afirmar que “sem o triunfo de Hitler na Alemanha o fascismo não teria se tornado um movimento geral”<sup>20</sup>, que se espalharia por grande parte da Europa. O fascismo faz emergir um Estado forte, autoritário e antidemocrático. Segundo Norbert Elias, “o anseio de controle externo por um soberano forte, anseio que com frequência ganha maior intensidade em situações críticas, estava intimamente ligado aos padrões instáveis de autocontrole que foram transmitidos aos alemães por suas tradições”<sup>21</sup>.

O fascismo é a imagem ideal desde conflitos antepassados da Alemanha, almejando um líder superior que expandisse o poderio da “raça” alemã para todo o mundo. A supremacia alemã na política, na economia e na sociedade era um sonho de todo alemão que sentiu seu povo derrotado e massacrado na Primeira Guerra Mundial. Os alemães viam em Hitler esse ideal, o qual, embora imagético, foi capaz de empoderar todo o imaginário daquela sociedade. Na descrição de Elias, “o próprio Hitler considerou a sua própria época o derradeiro momento histórico em que ainda restava uma esperança para a Alemanha recuperar seu papel imperial e o mundo ingressar numa era quiliástica de um ‘Reich milenar’ alemão”<sup>22</sup>.

Portanto, considerado o Terceiro *Reich*, Hitler encarnou o desejo de seus compatriotas de tornar o mundo um “lar” de alemães, um grande império, o qual seria alçado à condição de maior potência mundial. Para isso, com o Partido Nacional Socialista, Hitler

<sup>18</sup> HOBBSAWM, 1995, p. 94.

<sup>19</sup> HOBBSAWM, 1995, p. 95.

<sup>20</sup> HOBBSAWM, 1995, p. 120.

<sup>21</sup> ELIAS, 1997, p. 285.

<sup>22</sup> ELIAS, 1997, p. 320.

empenhou-se em promover “[...] uma total mobilização dos recursos alemães, uma guerra total sem olhar as perdas, uma luta completamente implacável e inescrupulosa, incluindo o extermínio maciço de grupos hostis, racialmente inferiores”<sup>23</sup>.

A guerra constituiu-se na forma como Hitler dominava as nações, tendo apoio dos movimentos de massa de direita, os quais também eram favoráveis ao fascismo e à *realpolitik*<sup>24</sup> da nação alemã. O nacional-socialismo foi o movimento que entrou em cena com Hitler para expandir esse poder e para induzir os alemães a construir o *reich* que havia se perdido. Elias assevera que,

quando o sonho de uma Nação alemã unificada se tornou uma realidade, o Estado alemão ainda continuou sendo, em grande medida, um Estado autoritário e a ideia que a maioria dos súditos nutria de sua Nação e da política em nível nacional mantinha-se, como antes, fixada em irrealidades<sup>25</sup>.

O ideal alemão foi ver em Hitler o salvador patriota, que, pela união do povo alemão, garantiria que este seria um único povo e um único império. No que diz respeito a essa dinâmica, é preciso ressaltar que o ato de conferir superioridade ou levantar um líder é um modelo que exerceu atração no século XX. Entre os alemães, em especial, a autoridade é um padrão de regimento social presente em revoluções anteriores, as quais demonstram que eles se guiavam pela ideia de que a autoridade político-social é a protagonista principal.

Assevera Elias<sup>26</sup> que “a submissão a uma autoridade encontrou sua recompensa na satisfação de que uma pessoa não precisava preocupar-se com assuntos do Estado – ela podia deixar a responsabilidade nas mãos de outros”. Foi sobre isso que se assentou a ideia que o povo alemão passou a nutrir em relação a Hitler: apenas este general poderia levar uma solução aos problemas de sua sociedade.

A identificação com Hitler correspondia ao ideal imagético de uma Alemanha imperial liderada por um único *reich*, o qual iria direcioná-la novamente ao *status* que teve na História com seus príncipes e reis. Da mesma forma que encontrou no fascismo e no nacional-socialismo a ideologia e o regime para o seu movimento político, Hitler viu no totalitarismo a chave perfeita para reger a sociedade dos pontos de vista da economia e da política.

Foi a partir de 1939 que o totalitarismo cresceu, baseando-se no ideal do nazismo. Tal movimento ganha força onde grandes massas estão presentes, utilizando-se do poder persuasivo para organizá-las. Se Norbert Elias destaca que os alemães viram em Hitler aquele

---

<sup>23</sup> ELIAS, 1997, p. 320.

<sup>24</sup> Cf. ELIAS, 1997, p. 322.

<sup>25</sup> ELIAS, 1997, p. 302.

<sup>26</sup> ELIAS, 1997, p. 302.



que lhes traria de volta a paz e constituiria um novo império, Hannah Arendt chama atenção para um senso comum governado pela utopia de um “verdadeiro poder”, centrado não apenas em Hitler, mas também no regime totalitário.

A experiência e o bom senso tinham o direito de esperar que o totalitarismo no poder perdesse aos poucos o ímpeto revolucionário e o caráter utópico, que o afã diário de governar e a posse do verdadeiro poder moderassem as pretensões do movimento e destruíssem gradualmente o mundo fictício criado por suas organizações<sup>27</sup>.

No que diz respeito ao termo massa, esta pensadora alemã explica que ele

só se aplica quando lidamos com pessoas que, simplesmente devido ao seu número, ou à sua indiferença, ou a mistura de ambos, não se podem integrar numa organização baseada no interesse comum, seja partido político, organização profissional ou sindicato de trabalhadores<sup>28</sup>.

Na teoria do totalitarismo de Arendt, a massa se constrói em lugares em que pessoas de diferentes tipos étnicos vivem e convivem entre si, em espaços ou situações de extrema precariedade política em relação a todos os aspectos, afetados por crises econômicas ou por revoluções. Há chance de o totalitarismo se levantar em meio ao caos, propondo ao povo soluções imperialistas, na maior parte das vezes, ineficazes, por serem imediatistas. Nessas situações, o totalitarismo se sobrepõe aos demais regimes, mostrando que “tudo é possível”<sup>29</sup>.

O tópico a seguir descreve a trajetória de Adolf Hitler, um dos personagens mais marcantes do totalitarismo alemão.

### 1.1.1 *Quem foi Adolf Hitler?*

Antes de se iniciar a narrativa sobre a vida do ditador Adolf Hitler, é preciso destacar que, conforme assevera Volker Ulrich<sup>30</sup>, tal tarefa encontra obstáculos, sobretudo em relação à primeira fase de sua vida, em função da escassez de testemunhos.

[...] As informações publicadas por ele [Hitler] no primeiro capítulo de *Mein Kampf* sobre a casa paterna certamente são uma mistura de meias-verdades e lendas, com as quais o golpista de 1923 e prisioneiro na fortaleza de Lendsberg tentou angariar e tornar incrível a sua simpatia como *Führer* de um novo *Reich* alemão<sup>31</sup>.

<sup>27</sup> ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo e totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. p. 531.

<sup>28</sup> ARENDT, 2012, p. 439.

<sup>29</sup> ARENDT, 2012, p. 439.

<sup>30</sup> ULRICH, Volker. *Adolf Hitler: anos de ascensão: 1889-1939*. v. 1. São Paulo: Amarelly, 2015. p. 7.

<sup>31</sup> ULRICH, 2015, p. 7.

Durante sua infância até a ascensão do regime político nazista, o jovem Adolf Hitler “[...] se empenhou em dissimular e em idealizar um personagem para si mesmo”<sup>32</sup>. Nascido em 20 de abril de 1889, era o quarto irmão do terceiro casamento de seu pai<sup>33</sup>. Logo cedo, teve que lidar com um triste fato, a morte dos seus três irmãos.

Sua sede de poder e o desejo de fazer carreira e ser bem-sucedido foram facilitados graças a seu pai, Alois Hitler. Joachim Fest relata que, ainda com 13 anos, este “[...] fora aprendiz de sapateiro em Viena, mas desistira de ser artesão e ingressara na burocracia das finanças austríacas. Subira na carreira rapidamente, chegando à categoria mais elevada de funcionário alfandegário que lhe era possível com seu grau de instrução”<sup>34</sup>.

Alois conseguiu superar o estigma de ser descendente de uma família tradicional, camponesa e de raiz *tcheca*, pondo fim aos maus registros econômicos da genealogia hitleriana. Assim, daria uma vida digna ao seu filho, o que proporcionou a Adolf boa estabilidade econômica. Além de oferecer uma vida estável do ponto de vista financeiro, Alois passou ao filho um sobrenome com o qual, futuramente, a humanidade lembraria do homem que trouxe condutas indignas de um projeto de vida alemã.

No que tange à relação entre pai e filho, Adolf trazia em seu imaginário muita revolta. Sua relação com o pai, na juventude, foi traumática, marcando-o e fazendo brotar em si sentimentos de ambição pelo poder. Afirma Ian Kershaw que sua

[...] vida familiar deixava a desejar em harmonia e felicidade. Alois era arquétipo do funcionário público provinciano: pomposo, orgulhoso de sua posição social, rígido, destituído de humor, frugal, pedantemente pontual e devotado ao dever [...]. Em casa, era um marido despótico e dominador e um pai severo, distante, autoritário e, com frequência, irritadiço<sup>35</sup>.

Foi dentro de seu lar que Hitler formou seu caráter de futuro simpático a valores nazistas. Não apenas o pai, mas também a mãe, Klara Polzil, exerceu influência nesse processo. Klara possuía uma personalidade “[...] submissa, retraída e quieta, frequentadora [...] devota e zelosa da igreja”<sup>36</sup>. Não surpreendentemente, Adolf amava a mãe com devoção. Algumas mudanças vão acontecendo na vida de Adolf e de sua família. Com o passar dos anos, tendo ele desenvolvido uma cultura refinada, passou a apreciar o teatro e a música. Suas tentativas de ser músico e ingressar em escolas de música, porém, nunca foram bem-

<sup>32</sup> FEST, Joachim C. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 11.

<sup>33</sup> Cf. FEST, 2005, p. 15.

<sup>34</sup> FEST, 2005, p. 14.

<sup>35</sup> KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 38.

<sup>36</sup> KERSHAW, 2010, p. 38.

sucedidas. Todavia, na escola primária (*Grundschule*), “[...] era um estudante atento, cheio de vitalidade e aparentemente bem-dotado”<sup>37</sup>.

Surpreso em relação ao seu desempenho escolar, o pai decidiu enviá-lo para a escola secundária *Realschule*<sup>38</sup>, onde teve um pouco mais de dificuldade, passando, desse modo, por momentos turbulentos. Em função disso, “teve que repetir o ano [...] e na terceira vez foi admitido na classe superior, após submeter-se a uma prova de avaliação de capacidade”<sup>39</sup>.

Hitler nutria predileção pela arte e costumava frequentar concertos de ópera na cidade de Viena. Sua paixão pela música o levou a conhecer o musicista Wagner, em cujas músicas se inspirou ao longo de toda a sua trajetória política. Conforme descreve Kershaw,

Traição, sacrifício, redenção e morte heroica eram temas wagnerianos que também preocupariam Hitler até o *Gotterdammerung* de seu regime, em 1945. E era um mundo criado com visão grandiosa por um artista genial, um *outsider* e revolucionário, desafiador da ordem existente [...]<sup>40</sup>.

Isso explica a notável identificação de Hitler com a ópera wagneriana, pois nesta encontra elementos já presentes em sua existência, os quais se manifestariam “[...] em seu auge político, [com] os temas do sacrifício, da morte e da traição [...]”<sup>41</sup>, também presentes na obra “Crepúsculo dos deuses” (*Gotterdammerung*), de F. Nietzsche. A música de Wagner reforçou convicções políticas que atravessaram toda a sua carreira como Terceiro Reich, finalizada com seu suicídio.

Mesmo após ter sido reprovado na Academia de Belas Artes, Hitler continuaria, por meio das obras de Wagner, a ver uma possível esperança para a concretização de ser um artista. Posteriormente, seu desejo inquietante de ser músico ou teatrasta acabaria sendo deixado de lado, dando lugar às angústias e às inquietações existenciais que perpassaram sua trajetória. Com a frustração por não conseguir entrar na Academia de Belas Artes, o que lhe resta é traçar novos objetivos, alinhados à sua afeição à política.

Hitler participou de várias reuniões do Movimento Nacional-Socialista, de cuja ideologia era simpatizante. Ao longo de sua caminhada, formulou seu discurso antissemita como um de seus principais projetos como político. Em relação a isso, Dick Geary afirma que “[...] Hitler aprendeu muito com o líder social cristão vienense Karl Lueger, que foi por um

<sup>37</sup> FEST, 2005, p. 16.

<sup>38</sup> Denominação dada à escola secundária.

<sup>39</sup> FEST, 2005, p. 16.

<sup>40</sup> KERSHAW, 2010, p. 55.

<sup>41</sup> Hitler era fascinado com os escritos de Nietzsche e, de certa forma, faz analogia da ideia de crepúsculo dos deuses com seus ideais políticos, ressignificando os elementos tragédia, traição e redenção.

tempo prefeito da cidade”<sup>42</sup>. Suas ideias antissemitas foram ficando cada vez mais enraizadas à sua vida, a ponto de rejeitar todos os que tinham simpatia pelos judeus.

Na I Guerra Mundial, Hitler novamente começa a trabalhar para o Exército, “[...] vigiando os numerosos grupos extremistas na cidade. Logo entrou em contato com o nacionalista e racista Partido dos Trabalhadores Alemães (DAP), liderado pelo chaveiro Anton Drexler”<sup>43</sup>. A partir disso, é possível perceber que, cada vez mais, Hitler vai partilhando de ideias racistas e preconceituosas. Uma de suas ações políticas no DAP foi agregar mais forças para, mais tarde, ganhar o apoio de muitos alemães, para finalmente sair-se vitorioso, o que ocorreu em 1939.

Com o crescimento do partido, este foi se remodelando do ponto de vista de ideologia, alterando o próprio nome, passando a chamar-se Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães (NSDAP). Essas transformações ocorreram exatamente porque o futuro “imperador”, ainda que não fosse o presidente do partido, já havia obtido o apoio de todos os que nele estavam. Assim, suas propostas partidárias foram ganhando força e a verdadeira essência do pensamento *Volkisch*<sup>44</sup> vem à tona. Conforme descreve Geary, o partido NSDAP

pretendia combinar elementos nacionalistas e socialistas. Reivindicava não apenas a revisão do Tratado de Versalhes e a devolução dos territórios perdidos como resultado do tratado de paz [...], mas também a unificação de todos os alemães étnicos em um único *Reich*. Os judeus deveriam perder a cidadania e os cargos públicos<sup>45</sup>.

Hitler mostrou seus ideais ao partido e à nação. Alcançou grande parte do povo alemão, o qual viu sua pátria destruída e sem perspectivas, quer fossem elas econômicas, quer fossem políticas. Aos olhos dos alemães, Hitler seria o personagem que mudaria tal situação. Com a ascensão do governo nazista, o ódio pelos judeus passou a ser a palavra-chave em todos os seus discursos, separando a “raça pura” da “raça contaminada”, com o objetivo de alcançar a confiança e o voto de cidadãos alemães.

O tópico a seguir descreve a ascensão de Adolf Hitler ao poder e as contribuições factuais para a derrubada do nazismo.

---

<sup>42</sup> GEARY, Dick. *Hitler e o nazismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2010. p. 11.

<sup>43</sup> GEARY, 2010, p. 12.

<sup>44</sup> Chamados de movimento populista alemão.

<sup>45</sup> GEARY, 2010, p. 12.

### 1.1.2 *Ascensão e queda do nazismo*

A tese defendida por Marcos Guterman é a de que houve uma inversão moral depois da Grande Depressão ocorrida na Europa, a qual possibilitou a ascensão do ideal nazista, concretizado em um projeto de Estado totalitário “[...] voltado exclusivamente para cometer crimes”<sup>46</sup>. A ascensão de Hitler começa, primeiramente, com a percepção da baixa autoestima do povo alemão.

Dentro de seu partido político e da sociedade alemã, Hitler surpreendeu expectativas, em função da sua forma de manipular mentes, corações e o próprio poder. Antes da chegada ao poder, em 1939, ele esteve preso em Lendsberg. Foi detido em 11 de novembro de 1924, por participar de um golpe político (*putsch*). Durante sua temporada na prisão, recebia cartas e notícias externas, relacionadas aos acontecimentos e discussões ocorridos dentro do partido NSDAP.

Dentro do presídio, Hitler fica sabendo da atuação de Alfred Rosenberg, mente genial por trás da ideologia nazista, no sentido de dividir os líderes e membros do NSDAP, com o objetivo de criar outro partido. Kershaw narra que, tão logo começou o ano de 1924, Rosenberg fundou a Grande Comunidade Nacional Alemã (GVG) (*GroBdeustche Volksgemeinschaft*), “[...] destinada a servir de organização sucessora, enquanto durasse a proibição ao NSDAP”<sup>47</sup>, ocorrida após o golpe da Gestapo, o qual havia levado à prisão de Hitler. Assim, seu partido, o NSDAP, estava sendo influenciado por outro, a GVG.

Rosenberg e outros correligionários da GVG, como Esser Hermann e Julius Streicher, tinham “[...] o comportamento insultante e o método canhestro [...]”<sup>48</sup>, o que atrapalhava a convivência entre os demais. Os três foram refutados por componentes da NSDAP, que seguiam o pensamento de Hitler, por se afastarem da proposta partidária da GVG. Hitler, sabiamente, posicionou-se diante dessa dupla identidade partidária de Rosenberg e dos demais, deixando explícita “[...] sua rejeição a alguns membros da velha guarda do Partido Nazista”<sup>49</sup>. Refutou, portanto, toda e qualquer atitude política que vinha de encontro às demandas e às decisões do partido NSDAP.

Diante dessas artimanhas, não era surpresa Hitler ser reconhecido em Landsberg como um herói nacional entre seus partidários. De certa forma, sua ida para a prisão o ajudou

<sup>46</sup> GUTERMAN, Marcos. *A moral nazista: uma análise do processo que transformou crime em virtude na Alemanha Nazista*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015. p. 13.

<sup>47</sup> KERSHAW, 2015, p. 174.

<sup>48</sup> KERSHAW, 2015, p. 174.

<sup>49</sup> KERSHAW, 2015, p. 175.



a se encontrar com seu lado político e revolucionário. Para Fest, esse isolamento “foi-lhe proveitoso do ponto de vista político e pessoal”<sup>50</sup>. No presídio, ele escrevia seu livro, *Mein Kampf*<sup>51</sup>, no qual registra pensamentos inspirados em pensadores como Charles Darwin e Nietzsche, que fizeram parte de sua formação<sup>52</sup>. Em cada capítulo da obra, o ditador nazista descreveu, nítida e detalhadamente, ideologias e formas de governos que o inspiravam. O livro é uma espécie de doutrina e profecia de um “salvador” que, mais tarde, tomaria o poder e seria o “grande *Reich*”.

Em relação a isso, um fato é certo: “o regime penitenciário não atrapalhou seu esforço metódico, no sentido de construir-se uma imagem”<sup>53</sup>. Antes, recluso do convívio na sociedade, Hitler conseguiu conquistar de seus companheiros de prisão respeito e moral por aquilo que dizia. Sua saída da prisão de Landsberg ocorreu em 20 de dezembro, às 12h15<sup>54</sup>. Pouco a pouco, o poder consolidava a sua autoridade:

em 26 de fevereiro de 1925, o *Volkischer Beobachter* reapareceu e anunciou para o dia seguinte, na *Burgerbrau*, no próprio lugar do fracassado *putsch*, a nova fundação (não organização) do partido. Em seu editorial intitulado ‘Um novo começo’, como nas diretrizes da organização do partido publicadas no mesmo número, Hitler estabelecia sua reivindicação ao comando do partido<sup>55</sup>.

Paulatinamente, Hitler conseguiu convencer seus companheiros de uma nova ordem, estabelecida pela criação de um novo partido, o Partido Nazista; demonstrando ao mundo e ao povo alemão a que veio, especialmente no discurso que proferiu para mais de 4.000 pessoas no dia seguinte à sua saída da prisão. Percebe-se, nesse ato, uma “[...] manifestação de lealdade através de todo o país”<sup>56</sup>.

Depois de cooptar pessoas mais próximas e outras nem tanto, Hitler partiu para certificar Herman Esser, um de seus outrora companheiros, o qual não lhe dava muito crédito, de que era possível prosseguir com o seu projeto. A partir desta etapa, o “gênio” decidiu organizar um partido nazista, “[...] de modo a fazer dele um instrumento dócil e dotado de uma força eficaz a serviço de seus projetos táticos”<sup>57</sup>.

<sup>50</sup> FEST, 2005, p. 219.

<sup>51</sup> Em português, “Minha luta”; refere-se à obra de dois volumes em que Adolf Hitler expressou suas ideias antissemitas, racialistas e nacional-socialistas, então adotadas pelo Partido Nazista.

<sup>52</sup> SHERRATT, Yvonne. *Los filósofos de Hitler*. Trad. Manuel Garrido y Rodrigo Neira. Madrid: Cátedra, 2014. Leitura importante para saber sobre os filósofos que, antes durante e depois, apoiaram o regime e fizeram parte da formação do pensamento político de Hitler.

<sup>53</sup> FEST, 2005, p. 219.

<sup>54</sup> Cf. KERSHAW, 2015, p. 177.

<sup>55</sup> FEST, 2005, p. 248.

<sup>56</sup> FEST, 2005, p. 248.

<sup>57</sup> FEST, 2005, p. 250.

Após 1933, proclamando essas visões de mundo, *Mein Kampf* vendeu milhões de exemplares<sup>58</sup>. Entretanto, não foi o *best seller* que Hitler esperava que fosse, pois, o “[...] conteúdo inflável, o estilo terrível e o preço mais ou menos alto de 12 marcos por volume espantaram muitos leitores potenciais”<sup>59</sup>. Com o sucesso eleitoral de seu partido, no entanto, as vendas foram aumentando.

Em seu livro “Hitler”, Ian Kershaw faz uma tentativa de compreender como alguém, sendo um mau escritor, poderia assumir o poder e futuramente ser um *reich*<sup>60</sup>. A obra de Hitler, por mais que fosse a produção de um autor de qualidade ruim, foi relevante na análise de características importantes para a compreensão de mundo do “gênio” alemão. Na visão de Kershaw,

o livro não oferecia nenhum delineamento de políticas públicas, mas trazia, por mais confusa que fosse a narrativa, uma declaração intransigente de seus princípios políticos, sua ‘visão de mundo’, o sentido de sua ‘missão’, sua visão da sociedade e seus objetivos a longo prazo<sup>61</sup>.

A leitura de *Mein Kampf* é um desafio para todo aquele que quer saber sobre o pensamento de Hitler. Ao longo de suas páginas, este mostra a si mesmo sua capacidade de ascender como um *reich*, um rei ou até mesmo um semideus. Um ponto fraco surge em meio à euforia da Alemanha, mas atuando em favor do nazismo: o de abrir as guardas psíquicas e construir um imaginário perverso, de total ódio aos diferentes, negando, assim, as diversidades social e cultural. Esse sentimento já existia antes da eclosão do movimento na Alemanha e no restante da Europa. Por isso, o que é preciso ter claro é que

o fenômeno nazista e seus efeitos deletérios não dizem respeito exclusivamente aos alemães e muito menos apenas aos judeus, e, sim, ao modo de vida moderna, com seus sistemas racionais e científicos supostamente civilizadores, mas cuja mecânica oficial ensejou a ruína humana, que teve na *Shoah* o seu símbolo mais impactante<sup>62</sup>.

Isso justifica a ascensão do *führer* nazista e, conseqüentemente, do nazismo, a partir de seu “sistema racional” moralizador, e, ao mesmo tempo, o contrário disso. Desmoralizador, porque a ascensão do sistema racional de Hitler no mundo da sociedade alemã demonstra um desejo de poder cujo auge seria a guerra; moralizador, porque, voltando,

<sup>58</sup> Cf. KERSHAW, 2015, p. 179.

<sup>59</sup> KERSHAW, 2015, p. 180.

<sup>60</sup> Cf. KERSHAW, 2015, p. 180-181.

<sup>61</sup> KERSHAW, 2015, p. 181.

<sup>62</sup> GUTERMAN, 2015, p. 12.

com saudosismo, ao tempo em que era um império, a nação viu em Hitler um homem que resgataria a dignidade do povo alemão.

A partir de 1933, começa a ascensão de Hitler ao posto de Terceiro *Reich*, com a nazificação da Alemanha. O Partido Nazista ganhou muitos votos na eleição desse ano, que ocorreu em março (um total de 17.277.180 votos)<sup>63</sup>. Logo, Hitler e seu partido começaram a ganhar cadeiras no Parlamento. Essa participação se intensificou após o incêndio do *Reichstag*, o qual deu início a uma campanha acusatória contra os comunistas, fazendo com que estes perdessem cerca de 1 milhão de votos. O Partido de Centro e o Partido Católico do Povo continuavam crescendo, sem, entretanto, constituírem-se em páreos para o Partido Nazista. William Shirer assim analisa a composição do parlamento à época:

com as 52 cadeiras dos nacionalistas somadas às 288 dos nazistas, obtinha o governo maioria de 16 lugares no *Reichstag*. Suficiente, talvez, para enfrentar os assuntos governamentais do dia a dia, mas bastante longe da maioria de dois terços de que Hitler necessitava para empreender um novo e audacioso plano de implantação de uma ditadura com o consentimento do *Reichstag*<sup>64</sup>.

Em março de 1933, uma ata foi apresentada a Nuremberg, com o objetivo de exigir a alteração constitucional. Sua aprovação dependia de dois terços dos votos do parlamento<sup>65</sup>. Com seu crescimento dentro do Parlamento, constata-se que Hitler estava prestes a mudar toda a Constituição alemã, a qual ainda era da República de Weimar. O Partido Nazista, sendo a maioria, fez com que a lei estivesse sobre o seu controle, colocando a Alemanha a seu inteiro serviço, legalizando tal domínio por meio da Constituição. Desse modo, houve uma tomada de poder absoluto dentro da legalidade.

A baixa participação dos partidos comunistas no parlamento, justamente pela difamação de que foram vítimas após o incêndio do *Reichstag*, não impediu Paul von Hindenburg, então presidente da Alemanha, de assinar um ato que “[...] podia prender tantos deputados opositores quantos fossem necessários para assegurar a maioria de dois terços”<sup>66</sup>. Aumentaram, com tal estratégia, as chances de domínio do Partido Nazista sobre o parlamento e perante as leis consolidadas. A partir de então, Adolf Hitler ascendeu ao trono parlamentar. Daí em diante, o poder da Lei Máxima da Alemanha ficou sobre seu controle e de seus aliados, facilitando a influência do Partido Nazista em promover alterações constitucionais.

---

<sup>63</sup> SHIRER, William. *Ascensão e queda do Terceiro Reich*. v. 1: Triunfo e consolidação, 1933-1939. Rio de Janeiro: Agir, 2008. p. 245.

<sup>64</sup> SHIRER, 2008, p. 245.

<sup>65</sup> Cf. SHIRER, 2008, p. 245.

<sup>66</sup> SHIRER, 2008, p. 245.



Dessa maneira, além de ter a prerrogativa de alterar as leis, Hitler também detinha o poder de mudar os pactos antigos da velha República. Como exemplo, em 14 de julho de 1933 uma alteração na Lei Máxima passa a considerar o Partido Nazista o único da Alemanha. Entretanto, há momentos em que o imperador se percebe em situações perigosas, as quais, geralmente, ele mesmo criava, diante do caos em que viveu e do qual se orgulhava.

Diversos acontecimentos que exemplificam isso podem ser vistos em “A era dos extremos”, em que Hobsbawm enumera os conflitos sociais que antecederam a Segunda Guerra Mundial e as situações políticas dela decorrentes, as quais representaram enorme perigo na Grande Europa:

em 1931 o Japão invadiu a Manchúria e estabeleceu ali um Estado Títere. Em 1932, ocupou a China ao Norte da Grande Muralha e chegou a Xangai. Em 1933, Hitler subiu ao poder na Alemanha com um programa que ele não tentava ocultar. Em 1934, uma breve guerra civil na Áustria eliminou a democracia ali e introduziu um regime semifascista que se destacou sobretudo por resistir à integração com a Alemanha e (com apoio italiano na época) por derrotar um golpe nazista que assassinou o premiê austríaco. Em 1935, a Alemanha comunicou sua ruptura com os tratados de paz [...], desligando-se com desprezo da Liga das Nações<sup>67</sup>.

Os tratados de paz foram quebrados tanto por parte de Hitler quanto de Mussolini. Estava nos planos do primeiro conseguir a maior extensão de terras possível, com a finalidade de ganhar vantagens territoriais, para exercer o domínio sobre povos e nações, fazendo deles territórios nazistas para construir o grande Império do Terceiro *Reich*. Afirma o historiador de “A era dos extremos” que, “em 1936, a Alemanha recuperou a Renânia e, com ajuda e intervenção ostensivas de Itália e Alemanha, [ocorreu] um golpe Militar na Espanha [...]. Em 1937, sem surpreender ninguém [sic] o Japão invade a China [...]. Em 1938, a Alemanha, também achou que era a hora da conquista”<sup>68</sup>. Por fim, em 1º de setembro de 1939, Stalin assina pacto com Hitler, que invade e divide a Polônia, episódio que daria início à Segunda Guerra.

Resposta de Stalin foi transmitida ao *Führer*, em Berghof, às 22:30h. Ato contínuo – o autor recorda –, pouco depois das 23h um programa musical do rádio alemão foi subitamente interrompido e uma voz surgiu para anunciar: “O governo do *Reich* e o governo soviético concordaram em concluir um pacto de não agressão”. O ministro do *Reich* para os negócios exteriores chegará a Moscou quarta-feira, 23 de agosto, para a conclusão das negociações<sup>69</sup>.

<sup>67</sup> HOBBSAWM, 1995, p. 147.

<sup>68</sup> HOBBSAWM, 1995, p. 148.

<sup>69</sup> SHIRER, 2008, p. 640.

A Polônia resolveu não negociar suas terras com os nazistas, em decorrência do que foi bombardeada, assim como outras nações. Áustria e a Tchecoslováquia estavam também nos planos de dominação territorial de Hitler e, antes mesmo do início da Segunda Guerra, ele as domina. Iniciado o conflito, o ditador alemão dominou muitos povos europeus, tais como a Grécia, estendendo seu comando até a região do litoral da África.

A aliança com Hitler por parte da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) foi uma tática para o armamento. Na Batalha do Atlântico, em 1939, a marinha britânica ataca os nazistas. Antes disso, a URSS já havia tomado a Lituânia e outras nações, sendo invadida por Hitler em 1941, na operação batizada como Barbarossa<sup>70</sup>. Em 19 de agosto de 1942, estendendo-se a 1943, ocorre um dos conflitos mais sangrentos da História: a traição do regime nazista gera o rompimento do pacto com a então URSS e estabelece a famosa batalha de Stalingrado.

Sobre isso, a análise de Pedro Tota é de que “[...] atenção [*estava voltada*] para o Leste já havia algum tempo, pois o líder nazista alimentava a intenção de invadir a União Soviética”<sup>71</sup>. Hitler perdeu a batalha de Stalingrado e continuou perdendo outros conflitos, como a Batalha de Berlim. A partir daí, seu império decaía a cada dia, o que se via também pela redução do número de soldados nazistas, fazendo com que o cerco chegasse a Berlim.

Em 1943, os Aliados<sup>72</sup> ampliavam 25 vezes a quantidade de bombas lançadas na Alemanha; os britânicos bombardeavam à noite, enquanto os americanos o faziam em plena luz do dia. Sirenes, bombas lançadas de cima, cadáveres queimados... Esses eram elementos que compunham o contexto dramático da Alemanha nazista, diante do qual não haveria um futuro de prosperidade.

O chamado Dia D, como ficou conhecido 6 de junho de 1944, marcou a história da Segunda Guerra Mundial e também o futuro do ditador nazista. Neste dia, os Aliados avançaram sobre o Terceiro *Reich*. Dias depois, em 22 de junho, começou a operação dos soviéticos, com o apoio de várias nações, principalmente dos Estados Unidos (EUA). Os nazistas foram sendo derrotados em terras as quais tinham sido conquistadas pelo regime.

No início do outono de 1944, os Aliados estavam fechando o cerco contra a Alemanha. No leste do país, havia se instalado um pandemônio. Com a invasão do Exército

---

<sup>70</sup> A operação teve este nome em homenagem ao imperador Francisco Barbarossa, que reinou no Império Germânico no século XII.

<sup>71</sup> TOTA, Pedro. Segunda Guerra Mundial. In: MAGNOLI, Demétrio. (Org.). *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 367-368.

<sup>72</sup> Os aliados eram os países que estavam contra Hitler no conflito, por exemplo, Estados Unidos, Reino Unido, França e União Soviética.

Vermelho<sup>73</sup>, milhões de alemães abandonavam suas casas. Naquele ano, os nazistas experimentaram derrotas significativas: “[...] os exércitos soviéticos, desde a Ucrânia e a Criméia, vinham empurrando os alemães. E Leningrado, que havia sofrido um cerco de quase três anos, já estava livre das tropas nazistas”<sup>74</sup>.

Em 8 de fevereiro de 1945, os Aliados avançam sobre o território alemão; o verdadeiro destino da Alemanha estava sendo selado. Em 22 de março, suas tropas estavam a poucas semanas de chegar a Berlim. Em 16 de abril do mesmo ano, os poloneses e russos alcançaram a cidade, em evento que ficou conhecido como a Batalha de Berlim. A esse respeito, Tota assim se pronuncia:

em 20 de abril, Hitler recebeu um presente especial de aniversário: os Aliados fizeram um dos maiores bombardeiros da guerra sobre Berlim. Isso porque membros militantes de movimentos antinazistas que trabalhavam para o OSS (*Office of Strategic Service*) dos Estados Unidos haviam enviado mensagens garantindo a presença do ditador em Berlim<sup>75</sup>.

Não demorou muito, Hitler já estava em um *bunker*<sup>76</sup>, onde se casou com Evan Braun, em 28 de abril. Não sabia ele que sua derrota viria pelo Leste Europeu. A rendição da Alemanha ocorreria somente em 8 de maio, pondo fim ao Regime Nacional Socialista. Antes disso, Hitler e sua esposa já haviam se suicidado, em dia 30 de abril. Segundo Joaquim Fest, “Hitler sabia, havia muito, que a guerra estava perdida”<sup>77</sup>. Para o ditador alemão, naquele mesmo dia, depois de saber que Mussolini tinha sido morto, não mais havia esperança.

O próximo tópico discorre sobre a participação da Igreja nas políticas públicas do Estado, destacando que elucubrações em relação a isso partem de uma relação básica construída sob o efeito do século XX e da Modernidade.

## 1.2 A Igreja Católica e o Estado

O racionalismo desdobrou-se a partir do século XVI e foi reforçado no Movimento Nacionalista que se expandiu na Europa no século XIX. Surge, a partir disso, um novo plano

<sup>73</sup> Exército socialista soviético, no qual havia grande número de trabalhadores proletariados a favor do regime russo, sendo Trotsky um dos mais famosos. Mais informações a respeito de sua formação e constituição em *Escritos militares*, de Karl Marx, Friedrich Engels e Vladimir Lênin.

<sup>74</sup> TOTA, 2006, p. 379.

<sup>75</sup> TOTA, 2006, p. 384.

<sup>76</sup> *Bunker* é um esconderijo subterrâneo fortificado para proteção contra projeteis de guerra, onde Hitler e sua esposa suicidaram-se. Para saber mais, ler FEST, Joaquim. *No bunker de Hitler: os últimos dias do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.

<sup>77</sup> FEST, 2010, p. 7.

e uma nova identidade europeia, caracterizada por ideias de união e igualdade. Na área do Direito, observa-se a emergência das noções de soberania popular e de igualdade social. Esses novos postulados também influenciaram os assuntos da Igreja.

A partir do fim da Primeira Guerra Mundial, houve disputas de interesses no âmbito dessa instituição, por exemplo: a quem seria atribuída a autoridade eclesial, ao Estado ou à Igreja? Na Itália, concílios foram realizados e tratados foram alterados, separando assuntos religiosos dos políticos. Afirma Rudolf Zinhobler que a “[...] Religião Católica [foi reconhecida] como única religião do Estado [italiano] e à Santa Sé foi atribuída plena soberania”<sup>78</sup>. Além disso, uma concordata foi elaborada e 45 artigos foram escritos sobre assuntos de interesse do Estado e da Igreja Católica.

Tanto na Alemanha quanto na Itália, os papas sofreram algumas consequências dessa separação, a qual denotava que os padres estariam proibidos de “[...] toda participação ativa na política e [d]o exercício de qualquer mandato político”<sup>79</sup>. O Concílio Vaticano I emerge nesse contexto e foi convocado pelo Papa Pio IX, “[...] depois de passar mais de três séculos sem que a Igreja convocasse um concílio geral [...]”<sup>80</sup>.

O Concílio Vaticano I surgiu da preocupação do pontífice em assegurar que a Igreja Católica não permitiria que qualquer tipo de ideologia do século XIX, sobretudo, o liberalismo e o comunismo, exercessem influência relevante nas doutrinas e na ordem estabelecida pela instituição. Logo, havia uma tendência política de efeito por detrás de toda fala de Pio IX. O papa tinha receio em relação à situação em que se encontrava o mundo e temia que houvesse interferências em seu posto e em sua infalibilidade. Tal concílio foi convocado no fim de 1869 e, segundo David Barbosa, o intuito era garantir a infalibilidade papal, diante de qualquer possibilidade de interferência do Estado italiano<sup>81</sup>.

Na verdade, esse concílio em nada se diferiu dos demais. No que diz respeito à perspectiva do poder político, constituiu-se em uma tentativa radical de combater os regimes que até então estavam circulando com frequência dentro da sociedade europeia ou, em outros termos, “[...] uma tomada de posição da Igreja contra o laicismo e o naturalismo”<sup>82</sup>. Até aquele momento a Igreja ainda tinha um poder autônomo diante da sociedade. Essa crise nas

<sup>78</sup> ZINHOBLER, Rudolf. Do fim da Primeira Guerra Mundial a Pio XII. In: LENZENWEGER, Josef et al. (Eds.). *História da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2006b. p. 288.

<sup>79</sup> ZINHOBLER, 2006b, p. 288.

<sup>80</sup> BELLITTO, Christopher. M. *História dos concílios da Igreja: de Niceia ao Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2010. p. 156.

<sup>81</sup> BARBOSA, David Sampaio. O Concílio do Vaticano 1 e o governo português (1869-1870). *Lusitânia Sacra*, s. 2, n. 1, p. 11-40, 1989. Disponível em: <[https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4854/3/LS\\_S2\\_01\\_DavidSBarbosa.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4854/3/LS_S2_01_DavidSBarbosa.pdf)>. Acesso em: 10 abr. 2018.

<sup>82</sup> BARBOSA, 1989, p. 11.

entranhas do catolicismo moderno aconteceu porque a separação entre Igreja e Estado traria para o papa a perda do poder nos aspectos políticos e o enfraquecimento de sua infalibilidade.

Pio IX foi sucedido por Pio X, cujo pontificado transcorreu também em período de conflitos internos vivenciados pelo catolicismo moderno. Esse último foi consagrado “Patriarca de Veneza” em 1913, ficando apenas um ano como pontífice. Uma década antes, em 1903, teve papel fundamental na luta contra a influência das doutrinas iluministas no campo interno da Igreja Católica. Segundo Zinnhobler, “pouco depois da eleição, o novo papa proibiu que se fizessem futuramente quaisquer apontamentos do conclave e proibiu também a intromissão dos Estados na escolha do papa (abolição do *ius exclusivae*)”<sup>83</sup>.

Como consequência dessa estratégia, Pio X consegue, paulatinamente, tomar o controle interno da Igreja antes de 1905, quando foi assinada a “Lei da Separação”, a qual põe fim à dicotomia Igreja *versus* Estado. Em função disso, a História considera Pio X como “o papa antimodernista”, por, diante da modernização da Europa e de sua cultura, ser ele contra a abertura da Igreja. Por sua vez, os modernistas desejavam “[...] superar o abismo que se abria entre a Igreja e o mundo moderno, entre a Teologia e a Ciência”<sup>84</sup>.

Entretanto, com o advento da Primeira Guerra Mundial e durante todo o seu transcorrer, houve inseguranças políticas e econômicas na vida do europeu e da Igreja Católica, começando na Itália de Mussolini. A Igreja Católica precisou lidar com os regimes que cresciam e tomavam força na Europa, especialmente o regime fascista, na Itália, e nazista, na Alemanha. Neste cenário “Pio XI (1922-1939) empenhou-se em consolidar novamente a Igreja”<sup>85</sup>.

Nesta época, Eugenio Pacelli, que mais tarde viria a tornar-se o papa Pio XII, era secretário de Estado do Vaticano, logo, homem de confiança de Pio XI. Com a ajuda de Pacelli, em alguns países, Pio XI conseguiu fechar uma concordata que oficializou acordo em que o Vaticano, finalmente, conseguia se tornar um Estado independente, pondo fim à “questão romana”<sup>86</sup>.

Em 11 de fevereiro de 1928, Mussolini e o cardeal Pietro Gasparri assinam o Tratado de Latrão<sup>87</sup>, criando um novo Estado, o Vaticano, de modo que os assuntos da Igreja passam a

<sup>83</sup> ZINHOBLER, Rudolf. De Pio IX a Bento XV. In: LENZENWEGER, Josef et al. (Eds.). *História da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2006a. p. 282.

<sup>84</sup> ZINHOBLER, 2006a, p. 275-286.

<sup>85</sup> ZINHOBLER, Rudolf. Do Vaticano II à atualidade. In: LENZENWEGER, Josef et al. (Eds.). *História da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2006c. p. 295.

<sup>86</sup> Refere-se à disputa territorial que ocorreu entre o governo italiano e o papa entre 1871, quando a Itália se unificou, até 1929, quando foi assinado o Tratado de Latrão.

<sup>87</sup> Cf. ZINHOBLER, 2006c, p. 295.



ser resolvidos apenas pela autoridade papa, sem a interferência do Estado italiano. Esse ato constituiu um acordo diplomático. Em relação a isso, afirma Gian Luca Postetà que

a soberania do papa sobre a região do Vaticano [...] concluía uma concordata que oferecia garantias e privilégios de notável amplitude à Igreja Católica [...] A concordata permitiu que a Igreja Católica relançasse os projetos de cristianização da sociedade italiana anos seguintes [...]”<sup>88</sup>.

A formação do Estado do Vaticano ocorre em um momento em que se espalha pelo mundo o fenômeno da secularização. Conforme Potestà, “os processos de secularização começaram a se ampliar no mundo da cultura, marcado em grande parte pela superação da centralidade do religioso já durante a segunda metade do século XVIII”<sup>89</sup>. Assim, na secularização, o domínio que a religião exercia sobre a sociedade perdeu o seu vigor, tendo a Igreja e o próprio cristianismo vivenciado profundas modificações, em todos os âmbitos, produzidas pelo impacto das correntes iluministas que surgiram na transição do século XVIII para o XIX.

Com a tentativa de dissuadir a Igreja dos ideais modernos, o papa Pio IX, em sua Encíclica *Quanta cura*, descreve como a nova configuração foi enfrentada pela Igreja: “nós admoestamos com todo o nosso poder e exortamos todos os filhos da Igreja Católica, para nós, queridos, que tiveram em tal abominação a infecção de uma praga tão cruel, a fugir dela”<sup>90</sup>. Com a ascensão do protestantismo, a Igreja Católica viveu um cenário turbulento, com grande perda de fiéis [...], que não só se opõem à Igreja Católica, [...], mas também à lei natural eterna esculpida por Deus nos corações de todos e razão certa; “quase todos os outros erros vêm dessas opiniões”<sup>91</sup>.

À medida que a Modernidade vai ganhando força e poder, trazidos pelas descobertas científicas, a instituição torna-se cada vez mais dura às forças vigentes desse novo período. Embora, posteriormente, se perceba que a secularização tomou um lugar dentro das influências do dogma do catolicismo moderno, a Santa Sé continuou mostrando a força de suas ideias no ambiente externo. Por exemplo, o ensino religioso católico, apesar da separação do Estado italiano, continuaria, por simpatia de Mussolini, sendo “[...] fundamento e coroamento de todo ensino público”<sup>92</sup>.

<sup>88</sup> POTESTÀ, Gian Luca. *História do cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2013. p. 340.

<sup>89</sup> POTESTÀ, 2013, p. 299.

<sup>90</sup> PIO IX. *Encíclica Quanta Cura del sommo pontefice Pio IX*. 1864. Disponível em: <<https://w2.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/encyclica-quanta-cura-8-decembris-1864.html>>. Acesso em: 4 set. 2018.

<sup>91</sup> PIO IX, 1864, acesso em: 4 set. 2018.

<sup>92</sup> ZINHOBLER, 2006c, p. 296.

De um lado, a Igreja Católica não deixou de ser a religião oficial do Estado, mesmo com a emergência do regime fascista. De outro, Pio XI e os demais cardeais-secretários de Estado conseguiram impedir, por meio do Tratado de Latrão, toda e qualquer manifestação de intervenção do Estado nos assuntos inerentes à Santa Sé e ao Estado Vaticano, pelo menos naquele momento. Esse cenário agitado entre a Igreja e o Estado trouxe para o campo histórico-filosófico debates acerca do povo alemão e sua religião. Eric Voeglin faz uma ressalva: aqui, “o povo alemão não [era] entendido num sentido (*volkisch*), mas, digamos, a sociedade alemã dentro dos limites do *Reich* de 1937 era, a esse tempo, um povo essencialmente de igreja (*kirchenvolk*)”<sup>93</sup>.

Essa compreensão está assentada no fato de que, com a ascensão do *Reich* Hitler, a Alemanha torna-se um país totalmente religioso. A corrupção moral dos alemães deu espaço às desordens espiritual e intelectual mantidas pela igreja. Semanticamente, passou-se a entender que “povo de igreja e povo alemão são mais ou menos idênticos”<sup>94</sup>. Eram poucos os alemães que se consideravam fora desse padrão; na verdade, um número mínimo, pois “[...] havia apenas uma pequena porcentagem que pertencia a comunidades não cristãs, um por cento que eram judeus”<sup>95</sup>. Tanto na igreja quanto na política, o povo alemão via a necessidade de ser orientado espiritualmente, corroborando o que assevera Voeglin: “as igrejas nada mais são do que a representação da transcendência espiritual do homem”<sup>96</sup>.

### 1.3 A colaboração do protestantismo para o desenvolvimento do nazismo

Em decorrência do fenômeno da secularização, a Europa em geral e a Alemanha, em particular, passavam por uma crise religiosa quando Hitler ascendeu ao poder. Durante sua vigência, o nazismo influenciou profundamente o movimento de massa cristã. De acordo com Voeglin, as igrejas alemãs tiveram um declínio intelectual e espiritual durante esse regime totalitário.

A igreja foi incapaz de lidar com a situação de uma sociedade desumanizada porque a perda de realidade já acontecera dentro da própria igreja. O contato com a realidade do homem em sua individualidade como *theo-morphes* e, então, sua natureza humana real, se perdera<sup>97</sup>.

<sup>93</sup> VOEGLIN, Eric. *Hitler e os alemães*. São Paulo: É Realizações, 2007. p. 208.

<sup>94</sup> VOEGLIN, 2007, p. 208.

<sup>95</sup> VOEGLIN, 2007, p. 208.

<sup>96</sup> VOEGLIN, 2007, p. 209.

<sup>97</sup> VOEGLIN, 2007, p. 210.

Nessa visão, o declínio espiritual teria ocorrido em função da ruptura entre Deus e a humanidade, provocando divergência entre os fiéis, gerando, por consequência, atitudes desumanas. Em tal perspectiva, os cristãos foram tão responsáveis pela ascensão do nazismo quanto aqueles que defenderam o nacional-socialismo.

Tal assertiva parte da ideia de que a igreja é o espelho da sociedade; como outras instituições, espelha os estereótipos social. No entanto, é dentro da própria instituição eclesiástica que os pastores e bispos contribuíram para manter a ideologia nazista no auge, além que proclamarem o antissemitismo e as teologias raciais.

Simpatizantes dos ensinamentos cristãos, o Terceiro *Reich* e “[...] os líderes nazistas acreditavam que o seu movimento era em certo sentido cristão”<sup>98</sup>, descreve Richard Steigmann. Durante sua caminhada no Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, Hitler viu a necessidade de dialogar com a cultura cristã alemã, em especial, com o protestantismo. O perigo de um abismo moral do *volk* (povo) alemão foi um discurso que se perpetuava no coração do povo cristão e trouxe peso, pois este se encontrava em extrema insegurança em relação a sua fé.

Sobre este aspecto, Steigmann entende que os nazistas “[...] defenderam de várias maneiras uma asseveração discursiva para representar a ‘verdadeira’ manifestação política do cristianismo”<sup>99</sup>. O bispo Heninrich Rendtoff foi um dos representantes luteranos a favor do nazismo à época, atuando para convencer as pessoas de que o movimento era de extrema fraternidade e em harmonia com o pensamento de Cristo. O cristianismo, de certa forma, ajudou a explicar o nazismo, dando-lhe embasamento teológico.

Em alguns momentos, é preciso sublinhar, o ditador alemão teve aversão ao cristianismo, porque suas perspectivas sobre esta religião eram carregadas de tensões e ambiguidades. Hitler se frustra com a religião cristã, mas, ainda assim, nunca negou os ensinamentos de Cristo. Ter rejeitado o cristianismo não significa ter rejeitado Cristo. Em consonância com tal perspectiva, Steigmann postula que “o fato de Hitler continuar a professar que recebia inspiração de Cristo como o ‘primeiro antissemita’ também indica a possibilidade de um permanente elemento cristão no antissemitismo de Hitler”<sup>100</sup>.

A análise do antissemitismo de Hitler mostra que a formulação de tal fenômeno, um dos que mais marcaram o século XX, abordado mais detalhadamente no Capítulo 4, pauta-se

---

<sup>98</sup> STEIGMANN, Richard. *O santo Reich: concepções nazistas do cristianismo - 1919-1945*. Rio de Janeiro: Imago, 2004. p. 92.

<sup>99</sup> STEIGMANN, 2004, p. 66-67.

<sup>100</sup> STEIGMANN, 2004, p. 308.



pelo pensamento que o ditador tinha de que Cristo havia sido o primeiro antissemita. Acima de tudo, o antissemitismo é tão religioso quanto racial.

Em decorrência disso, na ideologia cristã nazista, encontramos um Jesus Ariano, assim pintado pelo movimento político de Hitler, uma vez que o objetivo do “gênio” era desencadear na sociedade alemã um novo tipo de cristianismo, pautado pelo antissemitismo e por teologias que proclamavam um único povo e uma única raça. Em relação a isso, afirma Steigmann que

a constante esperança dos líderes nazistas na criação de uma Igreja protestante do *Reich*, quando todas as outras fontes autônomas de poder na sociedade alemã estavam rapidamente sendo reprimidas ou eliminadas, demonstra o desejo [...] de cooperar com uma variedade do cristianismo institucional na construção de uma nova Alemanha<sup>101</sup>.

Esse cristianismo, chamado por Steigmann de “cristianismo positivo”, constituía-se em “[...] um sistema religioso que não apenas ligava fortemente o antissemitismo racial e a ética social nazista ao cristianismo, como também sugeria que esses dois aspectos da ideologia do movimento emanavam de uma concepção particular do cristianismo”<sup>102</sup>. Ou seja, para ser cristão, era preciso ser ariano, pois, para os nazistas, Cristo desempenhou este papel, pois teria vindo apenas para uma “raça”, os judeus, que o negaram. O cristianismo positivo ganhou forma quando foi declarada a Segunda Guerra Mundial.

O resultado disso foi que os nazistas tentaram eliminar todos os elos do judaísmo com o cristianismo e também com Jesus Cristo. O movimento cristão alemão queria reescrever a Bíblia, criando sua própria versão. Decidiram eliminar também todos os hinos judeus. Por muitos alemães, Hitler foi considerado “o messias”, “o salvador”, alimentando, portanto, o complexo messiânico que já o acompanhava. Por outro lado, vê-se que a Igreja Protestante, por meio de teólogos como Karl Barth e Dietrich Bonhoeffer, também lutou contra a influência da ideologia nazista, especialmente nas igrejas luteranas.

Por outro lado, Giovanni Luca, em “História do cristianismo”, destaca que uma vertente dentro da tradição luterana foi de encontro aos preceitos e moral nazista, lutando contra Terceiro *Reich*. Por exemplo, Karl Barth, teólogo alemão, fez críticas a esse sistema racista e anticristão que surgia dentro da Igreja Luterana. Diante da crise no cristianismo na Segunda Guerra Mundial, “a Declaração Teológica aprovada naquela ocasião, amplamente inspirada em Barth, distanciou-se da exaltação religiosa do nacional-socialismo hitleriano

---

<sup>101</sup> STEIGMANN, 2004, p. 322.

<sup>102</sup> STEIGMANN, 2004, p. 66.

[...]”<sup>103</sup>. Surge aí o movimento que lutou contra a instrumentalização do cristianismo pelo regime nacional-socialista, chamado de “Igreja confessante”. Entretanto, a respeito da *Shoah*<sup>104</sup>, não aconteceu o mesmo<sup>105</sup>.

A partir do que foi relatado até aqui, percebe-se que o protestantismo e a Igreja Católica na Alemanha responderam de maneiras diferentes à ascensão do nazismo e às suas políticas. O primeiro buscou segurança dentro do próprio regime; a Igreja Católica, por sua vez, criou formas diplomáticas de se proteger em meio à sua ascensão e consolidação. Um dos emblemáticos papas que decidiram sobre o futuro desta instituição na Segunda Guerra Mundial foi Eugenio Pacelli, Pio XII, sobre o qual se discorre no capítulo a seguir.



---

<sup>103</sup> POSTESTÀ, 2003, p. 344.

<sup>104</sup> *Shoah* é sinônimo para holocausto judeu, sendo o nome utilizado por este povo para descrever as perseguições que ocorreram antes do segundo conflito mundial até o extermínio em massa promovido na época do regime nazista.

<sup>105</sup> Cf. POSTESTÀ, 2003, p. 344.

## 2 O ITINERÁRIO DO PAPA PIO XII

Este capítulo apresenta o pensamento de estudiosos a respeito da relação de Pio XII com o nazismo. Serão analisados autores que defendem cada um dos pontos de vista: o de que houve apoio ao regime totalitário por parte do papa ou, ao contrário, dos que argumentam que tal associação não pode ser feita. Para tanto, destacam-se a polêmica obra de John Cornwell, “O papa de Hitler”, e uma pesquisa recente de Gordon Thomas, publicada sob o título de “O papa dos judeus”. Antes, porém, apresenta-se uma caracterização desta figura proeminente do catolicismo.

### 2.1 Quem foi o papa Pio XII?

Falar de Eugenio Pacelli é sempre um desafio, pois se trata de um papa com participação ativa nas políticas da Igreja Católica na primeira metade do século XX, especificamente, quando se discute o papel que a instituição teria assumido na ascensão do nazismo. Afirmar Elza Soffiatti que

o interstício do pontificado de Pio XII (1939-1958) corresponde ao período da Segunda Guerra Mundial e ao início da chamada Guerra Fria. Deve-se ter em perspectiva que seu protagonismo também faz referência ao período anterior à deflagração do conflito mundial, uma vez que havia sido secretário de Estado do Vaticano em 1930<sup>106</sup>.

O anseio de Eugenio Pacelli de ser elevado à função de papa surgiu ainda na infância<sup>107</sup>. Seu grande protagonismo na história da Igreja Católica e também na vida do povo alemão começou quando ainda secretário, no período em que auxiliou o papa Pio XI a, com Mussolini, fazer um acordo a respeito da vida privada da Igreja, o qual ficou conhecido como o Tratado de Latrão. Mas quem foi Eugenio Pacelli antes de ser o papa Pio XII, ou, como o denomina John Cornwell, “o papa de Hitler”?

Conforme relatos de Cornwell, Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli nasceu em 1876, em Roma, em uma “[...] família de juristas da Igreja a serviço de um papado abalado pelo sequestro dos Estados papais pela nova Nação-Estado da Itália”<sup>108</sup>. Emergia à época uma

<sup>106</sup> SOFFIATTI, Elza Silva Cardoso. *Pio XII e as origens do Concílio Vaticano II*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2016. p. 55.

<sup>107</sup> CORNWELL, 2000, p. 25.

<sup>108</sup> CORNWELL, 2000, p. 15.

nova filosofia social, pela qual, na Europa e, especialmente, na Alemanha, o ser humano, cada vez mais, passava a ser dono do seu próprio destino, levando, portanto, ao problema que mais tarde Sartre viria a tratar, a “condenação à liberdade”<sup>109</sup>.

Na contramão disso, o casal Pacelli já antevia, no dia em que Eugenio foi batizado, a carreira que o filho deveria seguir. Carlos Veloso de Melo narra que

parentes e amigos comemoravam o batizado do terceiro filho do casal Pacelli, que na pia batismal da Matriz de São Celso e São Julião recebera o nome de Eugenio. Para os Pacellis, católicos fervorosamente praticantes, era aquele o verdadeiro dia do nascimento de seu filho – o dia em que ele nascera para a Igreja, a que agora pertencia, pelo batismo, como filho<sup>110</sup>.

Havia aí uma expectativa por parte da família de que Eugenio Pacelli, por ter sido batizado e se tornado “filho” do catolicismo, um dia serviria à Igreja com papa fervorosamente praticante e fiel ao seu destino. Entretanto, esse destino não se cumpre de forma tão romântica quanto sua família havia sonhado, já que em seu pontificado o papa viria a ficar limitado por conta do nazismo.

Criado no seio de uma família de “[...] profunda devoção católica, respeitabilidade, apesar de penúria, e um senso inabalável do mérito papal lesado”<sup>111</sup>, percebe-se, tanto por parte de sua família quanto de si mesmo, o apreço pelos projetos relacionados ao pontificado, construído em um ambiente em que as Sagradas Escrituras eram o principal fundamento.

A Roma cristã na qual Eugenio nascera “[...] se erguia lado a lado das ruínas da Antiguidade Clássica e de *villas* antigas, à sombra de carvalhos, laranjeiras e magníficos pinheiros [...]”<sup>112</sup>, um lugar ocupado por igrejas e conventos. Pacelli foi muito influenciado pelo ambiente externo em que vivia, uma cidade-mercado na qual alcançou realização como pessoa e como religioso, que, futuramente, assumiria a função máxima na Igreja Católica. Entretanto, como escreveu Soffiatti,

com o advento da *modernidade*, um novo parâmetro de organização social e de valorização das crenças foi progressivamente se estabelecendo em espaços ora conflitantes, ora antagônicos ao espaço delimitado pela Igreja Católica. As tensões entre o pensamento e as práticas que emergem de forma mais evidente a partir do século XVI e o pensamento religioso, cristão e católico são sobejamente conhecidos<sup>113</sup>.

<sup>109</sup> Reflexão apresentada em “O ser e o nada”, de Jean Paul Sartre, obra escrita durante a Segunda Guerra Mundial, a respeito da noção de liberdade, facticidade e condenação, a partir do existencialismo.

<sup>110</sup> MELO, Carlos Veloso de. *Pio XII (1876-1958)*. São Paulo: Três, 1974. p. 17.

<sup>111</sup> CORNWELL, 2000, p. 26.

<sup>112</sup> CORNWELL, 2000, p. 28.

<sup>113</sup> SOFFIATTI, 2016, p. 11.

Em função disso, desde sua infância, Eugenio Pacelli já via mudanças na “Nova Roma”<sup>114</sup>.

À medida que crescia, o futuro Papa Pio XII demonstrava que sua inteligência se sobrepunha à de seus irmãos e também dentro das escolas. Sua matrícula no jardim de infância ocorreu aos cinco anos, em uma instituição sob a direção de duas freiras. Aos dez anos, estava no Liceu Quirino Visconti, “[...] uma escola pública com alguma distorção, em geral anticatólica e anticlerical”<sup>115</sup>.

A diferença entre as filosofias das duas instituições influenciou seus escritos na adolescência, etapa da vida em que Pacelli já demonstrava preocupação com o rumo que o mundo estava tomando com a chegada da supervalorização do pensamento racional. De início, o pai, Filippo, mostrou-se contrário a algumas de suas atitudes, pois queria que Eugenio, tal como ele, fosse um advogado bem-sucedido em Roma. Ainda que sua intenção fosse a carreira religiosa, Pacelli ouviu os conselhos do pai, membro de uma tradicional família de juristas canônicos, e, conforme descrevem Lenn e Reardon, em 1895,

[...] começou seus estudos na antiga Universidade Pontifical, ou *Collegio Romano*, a mais famosa escola de Teologia do mundo. O Curso da Universidade papal não era uma sinecura. Compreendia dois anos de estudo de Filosofia de Matemática, de Línguas e de Ciências, seguidos por quatro anos de Teologia e de Direito Canônico, de Sagradas Escrituras, de liturgia e de História da Igreja<sup>116</sup>.

Pacelli conseguiu concluir todas as disciplinas do curso, fazendo-o com destaque, por ser um aluno que almejava carreira no âmbito do catolicismo, demonstrando muita fé e dedicação ao conhecimento, de modo que, com 22 anos, já havia obtido dois títulos de doutorado<sup>117</sup>.

Sua vida estava seguindo, com louvor, conforme seus planos. Tendo vivenciado um longo processo de amadurecimento, tanto intelectual quanto na fé, candidatou-se ao sacerdócio. A credibilidade e influência de que gozava no meio religioso eram grandes. Foi então que, em 2 de abril de 1899, consagrou o pão e o vinho pela primeira vez. Já era tempo de Eugenio Pacelli ser chamado de Monsenhor<sup>118</sup>.

<sup>114</sup> CORNWELL, 2000, p. 28. A expressão “Nova Roma” decorre do fato de que o sistema e as formas religiosas vão perdendo forças, em consequência de um novo modo de pensar que emerge e alcança seu auge na Modernidade. O Iluminismo foi esse movimento que ganhou força nas revoluções inglesa e francesa, opondo-se à religiosidade que fazia parte da forma de governo há muito estabelecida, a monarquia.

<sup>115</sup> CORNWELL, 2000, p. 29.

<sup>116</sup> LENN; REARDON, 1954, p. 28.

<sup>117</sup> Cf. LENN; REARDON, 1954, p. 28.

<sup>118</sup> Cf. LENN; REARDON, 1954, p. 30-31.

Desde que nascera Pacelli, sucedia em Roma e em outros pontos da Europa um agrupamento de ideias e comportamentos antijudaicos, demonstrados nas ruas, no âmbito da família Pacelli e também por parte de professores de escolas nas quais estudava. Por exemplo, circulava pela cidade e em toda a Itália o jornal católico *Bonifatius verein*, disseminando “[...] uma onda de antipatia vigorosa [...]” ao judaísmo religioso. Além disso, “[...] opiniões como essas eram propagadas pelo maior jornal jesuíta, contando com o apoio do papa [*Pio IX*], o que indica sua influência potencial e a aparência de autoridade [...]”<sup>119</sup>.

Não é surpresa que, na maior parte da história cristã, se perceba seu envolvimento com o antissemitismo e o antijudaísmo religioso. Pacelli vivenciava esse “mundo antijudeus”, tendo conhecimento, por exemplo, de que o “[...] IV Concílio de Latrão, convocado por Inocêncio III, em 1215, determinou que os judeus deveriam usar uma cobertura distintiva na cabeça”<sup>120</sup>.

O fenômeno do antijudaísmo religioso relaciona-se, principalmente, à época da morte de Jesus, em que a comunidade cristã incentivou o ódio ao povo judeu, acusando-o de haver participado do assassinato e crucificação do messias. Cornwell<sup>121</sup> faz um breve passeio pela história do ódio aos judeus, para demonstrar que no atravessar dos tempos havia entre os papas resquícios de preconceito e de discriminação contra a religião judaica. Como sua família era formada por juristas canônicos, “[...] Pacelli devia conhecer a história e os argumentos em defesa das ações do pontífice, assim como, sem dúvida, foi influenciado pelos comentários sobre a obstinação dos judeus que o senhor [*professor*] Marchi fazia na sala de aula”<sup>122</sup>.

As opiniões e falácias a respeito do povo judeu certamente colaboraram para a formação de Eugenio Pacelli. Vivendo na “nova” Roma, produzida pela chegada do Iluminismo, o futuro papa teve que conhecer a história de seus antepassados e suas discussões, as quais, mais tarde, girariam em torno do antijudaísmo, o qual se constitui fortemente em base elementar do antissemitismo na sociedade moderna. Desse modo, o antijudaísmo presente na Igreja Católica em épocas remotas do cristianismo alimenta o antissemitismo, o qual foi exportado para diversas partes do mundo à medida que o catolicismo também se expandia<sup>123</sup>.

---

<sup>119</sup> CORNWELL, 2000, p. 41.

<sup>120</sup> CORNWELL, 2000, p. 38.

<sup>121</sup> Cf. CORNWELL, 2000, p. 40.

<sup>122</sup> CORNWELL, 2000, p. 40.

<sup>123</sup> Cf. CORNWELL, 2000, p. 43.



Após a derrota da Alemanha na Primeira Guerra Mundial, Eugenio Pacelli se torna secretário de Estado, promovendo importantes transformações para a Igreja Católica. O tópico a seguir destaca algumas de suas cartas, nas quais tece considerações sobre a política e o nazismo.

## 2.2 O nazismo e a figura papal

O primeiro ano de Eugenio Pacelli como papa Pio XII coincidiu com o início do segundo conflito mundial, deflagrado em 1º de setembro de 1939<sup>124</sup>. Sua primeira carta encíclica<sup>125</sup> após a eclosão da guerra foi divulgada em 20 de outubro de 1939, 19 dias após assumir o poder papal, destacando sua posição sobre o conflito:

hoje, veneráveis irmãos, todos contemplan com terror o abismo a que levaram os erros por nós caracterizados e as suas consequências práticas. Ruíram por terra as orgulhosas ilusões de um progresso indefinido; os que ainda cochilassem seriam despertados, na trágica época que atravessamos, com as palavras do profeta: ‘Ouvi, ó surdos, e vede ó cegos’ (Is 42;18)<sup>126</sup>.

Usando a primeira pessoa do plural, sua mensagem mostra, em conjunto, os erros do povo alemão em acreditar em um progresso imperial, pautado no terrorismo e nas ilusões de um futuro em que, conforme as ideias nazistas, haveria garantia de prosperidade material e paz espiritual. No que tange ao cenário trazido pelo novo conflito mundial, Elza Silva Cardoso afirma que

a preocupação em relação ao estado econômico, social e espiritual da Europa, e não só da Europa, era clara no pensamento de Pio XII, pois uma guerra de tal proporção, como a princípio já aparentava ser a Segunda Guerra Mundial, demandava muitos gastos, absorvendo grande parte das riquezas materiais dos países beligerantes – gastos com armamentos, alimentos, tropas, entre outros. Em um período em que a economia se encontrava fragilizada, devido à própria guerra, formava-se um ciclo vicioso de muitos gastos e poucos ganhos<sup>127</sup>.

Em condições normais, é necessário que as sociedades garantam o básico – alimentos, roupas e moradia – para que toda a comunidade viva com o mínimo de dignidade.

<sup>124</sup> CARDOSO, Elza Silva. *Contra o liberalismo, a favor da democracia: a concepção política da Igreja Católica em meados do século XX*. 2009. 132 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2009. p. 89.

<sup>125</sup> Modalidade com a qual o Vaticano estabelece comunicação com os fiéis católicos.

<sup>126</sup> PIO XII. *Carta Encíclica Summi Pontificatus do sumo pontífice papa Pio XII*. 1939a. p. 16. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_20101939\\_summi-pontificatus.html](https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20101939_summi-pontificatus.html)>. Acesso em: 10 abr. 2018.

<sup>127</sup> CARDOSO, 2009, p. 94.

Com a guerra, no entanto, Pio XII percebeu que o básico virou escasso, trazendo para o povo situações de desespero. Desse modo, depois do fracasso econômico, viria o espiritual: o povo, novamente, encontrava-se perdido, sem enxergar solução ou esperança para tanta desgraça. Logo, o período pós Primeira Guerra tampouco foi de paz.

Era preciso assegurar que os conflitos ocorridos fora da Igreja não chegassem às suas portas. Como bom diplomata, Eugenio Pacelli ponderou sobre a aliança que havia feito com Mussolini, estendendo-a também para com Hitler, salvando a Igreja e o dogma da infalibilidade papal. Na Encíclica *Summi Pontificatus*, afirmava que a “época atual, veneráveis irmãos, acrescentando novos erros aos desvios doutrinários do passado, [...] [produziu] extremos dos quais se não podia originar senão desorientamento e ruína”<sup>128</sup>. Lenn e Reardon relatam que,

no decorrer da Segunda Guerra Mundial, Pio XII tomou a peito uma campanha enérgica em prol da paz, que pareceu ser quase a continuação de seus esforços, bem cômodos do Papa Bento XV [...] Ao mesmo tempo [...] acentuou [...] o desapego espiritual e a neutralidade, que a Igreja, como representante de Cristo na Terra, devia manter entre as diversas facções em luta<sup>129</sup>.

Ocorre que, ao mesmo tempo em que denunciava o totalitarismo e as ideologias racistas, como evidenciado na *Summi Pontificatus*, em nome de Cristo, proclamava a neutralidade durante a guerra. O paradoxo do papa é perceptível, sendo que sua falta de posicionamento diante dos judeus decorre da neutralidade da Igreja e da indiferença da comunidade católica e de membros eclesiais à luta e à justiça. A “paz” que tanto desejava a todos, desejava também a Hitler.

Embora Pio XII detestasse a guerra, era de seu interesse proteger o Vaticano, que havia sido apanhado “neutro e desprotegido”<sup>130</sup> pelo conflito. Por isso, algumas cartas de Pio XII transmitidas como radiomensagens demonstram o posicionamento ambíguo do pontífice durante a Segunda Guerra, o que ficou evidenciado não apenas na sua primeira carta, de 1939, mas também na de 1940, a qual fala em “alegria na tormenta”.

O mais importante a se destacar é que, em muitas de suas cartas, o pontífice denunciava as injustiças da guerra, a manipulação das leis civis e divinas, também alertando sobre a consciência do ser humano em relação ao próximo. Falava, sobretudo, de caridade. Por exemplo, em uma carta, chamada “Natal de guerra” (1943), Pio XII trata sobre justiça e paz, afirmando que

<sup>128</sup> PIO XII, 1939a, p. 7.

<sup>129</sup> LENN; REARDON, 1954, p. 121.

<sup>130</sup> LENN; REARDON, 1954, p. 124.



o auxílio que a Santa Sé prestava e os seus conselhos eram imparciais, não tendendo a nenhum lado beligerante. Entretanto, ela contava com a fiel participação de seus seguidores para a difícil tarefa que se apresentava, pois uma verdadeira paz não é resultado matemático de uma proporção de forças; no seu significado último e mais profundo, é um ato moral e jurídico. Não se pode de fato recorrer à força e a sua própria estrutura deve ter o apoio de uma justa proporção de força. Mas a função desta força, se quer permanecer moralmente justa, deve ser a defesa e proteção do direito, e não diminuí-lo e oprimi-lo<sup>131</sup>.

A defesa da paz perpassa todas as cartas de Pio XII, sendo que em “Natal de guerra” ele contesta, de maneira diplomática, a falsa paz mantida pelo nazismo, por meio do ato moral e jurídico, ou seja, a guerra. O nazismo burlou as leis e alcançou a moral dos alemães. Naquele exato momento, o que a Igreja poderia fazer era arrumar recursos para promover ajuda e cuidado aos feridos e perseguidos, tendo na microestrutura social uma noção bem próxima de Reino de Deus. Com base nisso, o papa “[...] formou várias organizações de ajuda, tais como as Patrulhas da Caridade e os Mensageiros do Papa, que levavam cuidados médicos e alimentos aos necessitados”<sup>132</sup>.

Assim, o que se observa é que, com esta radiomensagem proferida em 1943, Pio XII tomou algumas atitudes nas quais se observa um novo tom na relação do Vaticano com o nazismo e o fascismo. Algumas pressões sobre o Vaticano vinham ocorrendo. Em 11 de junho de 1940, D. Montini havia sido por ele encarregado de “[...] consultar o governo italiano a respeito da nova situação surgida”<sup>133</sup>. O Vaticano é um país dentro da Itália, mas, na Segunda Guerra, sofreu pressão dos dois lados, de Mussolini e de Hitler, justamente pela imparcialidade em que Pio XII se colocara. O pontífice adotou essa postura, em parte, com o objetivo de manter-se no poder.

Depois do discurso que Hitler proferiu em 1940, a Grã-Bretanha, visando a um acordo de paz, convoca Pio XII, solicitando que ele responda ao ditador alemão “[...] pelo menos perguntando quais as condições que ele exige para a paz”<sup>134</sup>. Um dos motivos pelos quais a Grã-Bretanha solicita o apoio diplomático de Pio XII é o fato de que, segundo afirma Osvaldo Orico,

Pacelli era considerado um grande amigo da Alemanha (*sehr deutschfreundlich*), o que não deixava de ser exato, dado o seu apreço por tudo o que representava uma

<sup>131</sup> RADIOMENSAGEM DO NATAL DE 1943: *Natal de Guerra*. Petrópolis: Vozes, 1951. (Documentos Pontifícios). p. 18.

<sup>132</sup> CARDOSO, 2009, p. 123.

<sup>133</sup> MELO, 1974, p. 92.

<sup>134</sup> MELO, 1974, p. 93.

conquista da inteligência e da ação humana, bem como as recordações do convívio com a grande comunidade religiosa que ali existia<sup>135</sup>.

Como simpatizante do povo alemão, o papa queria, ele mesmo, negociar a paz por meio de acordos diplomáticos. O problema era que tais acordos seriam estabelecidos com um regime que atuava pela preservação da eugenia, do racismo e de políticas econômicas totalitárias, visando à autossatisfação política do Terceiro *Reich*, promovendo guerras, massacres e ódio. Observa-se a incoerência do pontífice: para preservar os cânones do catolicismo, dispôs de sua diplomacia, sem avaliar os efeitos de uma política de ódio que ele mesmo havia denunciado à época da campanha de Hitler, ainda quando ocupava o cargo de secretário de Estado, no pontificado de Pio XI.

No contexto em que Pio XII estava inserido, sua inteligência foi posta à prova quando quis proteger o Vaticano e a integridade de seu poder como papa. Desde que havia ascendido ao Pontificado, seu papel foi o apresentado por Pio XI, em 1939: manter a Itália unida à Alemanha. Conforme descreve Saul Friedlander, “Pacelli sempre se mostrou favorável à manutenção de boas relações com Mussolini e com a Itália fascista”<sup>136</sup>.

O primeiro contato de Pio XII com Hitler ocorreu também por meio de carta, pedindo pela paz. As cartas sempre foram um canal com o qual o pontífice conseguia tentar o diálogo e manifestar seu pensamento em relação à guerra, Hitler, o nazismo e o fascismo. O ditador também as respondia. Friedlander reproduz uma das primeiras cartas de Pio XII enviadas ao *führer*, elaborada logo depois da sua cerimônia inaugural como papa, na qual o novo pontífice assim diz:

tendo sido elevado ao trono pontífice depois do escrutínio regular do Colégio dos Cardeais, pensamos ser nosso dever informar-vos, como chefe de Estado, da nossa eleição e, ao mesmo tempo, que desejamos permanecer unidos pelos laços duma profunda e benevolente amizade ao povo alemão, confiado aos vossos cuidados. Invocando o Deus Todo Poderoso, desejamos-lhe aquela real felicidade que só a religião pode alimentar e aumentar [...] <sup>137</sup>.

Comparada à de Leão XIII<sup>138</sup>, o tom da carta mostra a preocupação em manter uma boa relação com os povos vizinhos, portanto.

Rolf Hochhuth, em seu drama teatral “O vigário”<sup>139</sup>, relata as indecisões de Pio XII em relação ao massacre dos judeus. Em 1941, o holocausto judaico iniciou-se. Em artigo

<sup>135</sup> ORICO, Osvaldo. *Pio XII e o massacre dos judeus*. Rio de Janeiro: Reper, 1966. p. 16.

<sup>136</sup> FRIEDLANDER, Saul. *Pio XII e a Alemanha nazi: documentos*. Lisboa: Moraes, 1967. p. 20.

<sup>137</sup> GIOVANETTI *apud* FRIEDLANDER, 1967, p. 25.

<sup>138</sup> Escrita em 1890, ao imperador Guilherme I, da Prússia, o qual não tinha boas relações com a Santa Sé.

publicado sobre Pio XII e os judeus em Roma na revista *Simmen Der Zeit*, em março de 1961, o sacerdote jesuíta Prof Leiber, muito próximo de Pio XII<sup>140</sup>, tentou argumentar que o papa não foi fraco nem refém de si próprio.

Entretanto, Orico argumenta que “Pio XII não foi traído por uma fraqueza momentânea, antes, se manteve observando em silêncio, durante nove meses, enquanto as vítimas eram arrebanhadas debaixo de suas próprias janelas”<sup>141</sup>. As vítimas a que o autor se refere são os judeus, os quais, segundo ele, foram levados ao extermínio diante dos olhos de Pio XII, que, no entanto, nada fizera.

Se por um lado seu silêncio tentou demonstrar imparcialidade, também foi visto como total aprovação às atitudes do sistema totalitário de empreender o extermínio do povo judeu. Em relação a isso, entretanto, Doris L. Bergen afirma que “a questão do silêncio ou mesmo da cumplicidade ativa na morte em massa não é relacionada apenas ao Holocausto” (tradução nossa)<sup>142</sup>, mas também às perseguições aos judeus no Gueto de Roma e também aos homossexuais e ciganos, os quais fugiam ao ideal de raça pura.

Isso se reflete em suas anunciações como diplomata e como líder da Igreja Católica. Quanto aos judeus, especificamente, como já visto, a Igreja, desde o início da história do cristianismo, mantém um comportamento antijudaico<sup>143</sup>. Logo, é impossível não analisar o papel de Pio XII diante do nazismo a partir de sua história como religioso e da história de seus antepassados, considerando a cultura na qual estava inserido e a educação que havia recebido.

Ao que parece, somente quando termina a Segunda Guerra, o papa percebeu que era fundamental que a Igreja e o povo não cometessem os mesmos erros, a saber, apoiar novamente o nazismo ou qualquer tipo de manifestação política de totalitarismo. Desse modo, após o conflito, Pio XII se estabelece como forte influência nos debates ecumênicos da Igreja Católica.

A situação mundial depois de 1945 não era das melhores: a Alemanha via-se derrotada e humilhada novamente e um cristianismo com novas roupagens teológicas chamava a atenção do Papa. A forma como o pontífice fez frente a isso pode ser vista em uma das suas principais cartas apostólicas, *Mystici corporis*, de 1943.

<sup>139</sup> Obra literária famosa após a Segunda Guerra Mundial, ficou conhecida por seu caráter dramático-político e pela polêmica de Pio XII.

<sup>140</sup> *Apud* HOCHHUTH, Rolf. *O vigário*. São Paulo: Grijalbo, 1965. p. 306.

<sup>141</sup> ORICO, 1966, p. 85.

<sup>142</sup> *Apud* RITTNER, Carol; ROTH, John K. (Eds.). *Pope Pius XII and the Holocaust*. London; New York: Bloomsbury, 2016. p. 41. Disponível em: <<http://www.worldcat.org/title/pope-pius-xii-and-the-holocaust/oclc/957490938/viewport>>. Acesso em: 16 abr. 2018. “*The question of silence or even active complicity in mass death is not one related only to the holocaust*”.

<sup>143</sup> Cf. RITTNER; ROTH, 2016, p. 41.

Segundo afirma Ney de Souza, este texto “trata da identidade e do ordenamento da Igreja, com franco combate à nova teologia (*nouvelle théologie*)”<sup>144</sup>, de caráter subjetivista, abrindo brechas para que fossem questionados a moral católica e seus fundamentos primordiais, tais como o princípio de que a Igreja Católica é a única guardiã da revelação divina, a qual é renovada por intermédio do papa. Além disso, essa nova linha também questionava o criacionismo.

Diante disso, por meio dos ensinamentos do que é o corpo de Cristo, Pio XII alertava a todos que praticassem aquilo que o próprio Deus incentivou por meio do papa: fazer caridade, amar e respeitar ao próximo. Esse chamado pode ser visto já na introdução da carta:

Doutrina do Corpo Místico de Cristo, que é a Igreja (cf. Cl 1;24), recebida dos lábios do próprio Redentor e que põe na devida luz o grande e nunca assaz celebrado benefício da nossa íntima união com tão excelsa Cabeça, é de sua natureza tão grandiosa e sublime, que convida à contemplação todos aqueles a quem move o Espírito de Deus; e, iluminando as suas inteligências, incita-os eficazmente a obras salutares, consentâneas com a mesma doutrina. Por isso resolvemos entreter-nos convosco sobre tão relevante assunto, expondo e explicando principalmente a parte relativa à Igreja militante. Move-nos a fazê-lo não só a excepcional importância da doutrina, mas também as circunstâncias atuais da humanidade<sup>145</sup>.

O que está em jogo, aqui, é a preocupação em alertar a Igreja de Cristo a voltar para os caminhos da retidão, ou seja, a “união com tal excelsa Cabeça”, o próprio Cristo, deve se fazer presente no ministério da Igreja. O Cristo estaria convidando a todos e iluminando as inteligências para as obras em consonância com sua pregação, revelando traços de chamada à coerência e responsabilidade, bem como de esperança naqueles que seguem a doutrina católica, para moverem-se tendo como guia um novo modelo de comunidade. Apesar de evidenciar que houve um desvio da Igreja, esta mensagem foi transmitida sem questionamentos sobre a infalibilidade papal, a posição de Pio XII como o “cabeça”.

### 2.2.1 *O Papa apoiou ou não o nazismo?*

Neste trabalho, a discussão sobre a polêmica em relação ao apoio ou silêncio de Pio XII aos judeus durante o Nazismo toma como subsídios as obras de John Cornwell e de

<sup>144</sup> SOUZA, Ney de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. *Ciberteologia*, ano 1, ed. 2, out./dez. 2005. Disponível em: <<https://ciberteologia.com.br/post/artigo/contexto-e-desenvolvimento-historico-do-concilio-vaticano-ii>>. Acesso em: 5 maio 2018.

<sup>145</sup> PIO XII. *Carta Encíclica Mystici Corporis do sumo pontífice papa Pio XII*. 1943a. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_29061943\\_mystici-corporis-christi.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi.html)>. Acesso em: 3 maio 2018.

Gordon Thomas, os quais divergem em si. Entretanto, a obra que deu início a essa polêmica foi “O vigário”, do dramaturgo Rolf Hochhuth, na qual, conforme Bárbara Phillip, seu autor

[...] põe o dedo na ferida: milhares de judeus foram deportados da Praça de São Pedro, em Roma, para as câmaras de gás dos nazistas, e o papa, a grande instância moral, assistiu a tudo em silêncio. O Vaticano e seus dirigentes justificaram assim a omissão: Pio XII só silenciou para impedir uma perseguição ainda mais drástica dos judeus e também do clero<sup>146</sup>.

O sofrimento dos judeus em Roma é demonstrado em um dos episódios teatrais, colocando em pauta as atitudes de Pio XII para com este e os demais povos que ali se encontravam.

A polêmica suscitada em “O vigário” é vista no meio acadêmico e envolve católicos e anticatólicos. Nela, John Cornwell se torna um dos protagonistas, quando escreve seu livro “O papa de Hitler”. Contudo, segundo Souza, há uma diferença importante entre as obras de Cornwell e a de Hochhuth: “Hochhuth condenou Pio XII basicamente pelo seu silêncio, mas Cornwell acrescentou novas acusações: o antissemitismo é uma simpatia pelo nazismo, além de apontar numerosas outras vicissitudes”<sup>147</sup>.

A obra de Cornwell desencadeou outros debates, empreendidos por autores que defendiam Pio XII das acusações por ele feitas, alertando, inclusive, sobre a veracidade histórica de seus argumentos. “*The myth of Hitler’s pope*”, por exemplo, obra do rabino David Dalin, refuta o argumento de que o Papa teria sido simpatizante de Hitler. Souza afirma que

um dos argumentos mais enfatizados pelo Rabino David Dalin é a sua convicção de que, ao contrário do que os detratores de Pio XII afirmam, os atos deste papa em favor dos judeus recomendam que, ao invés do epíteto Papa de Hitler que tentam lhe imputar, ele merece ser reconhecido como justo entre as Nações [...] <sup>148</sup>.

Este comentário, entre outros, é que contribuiu para que a obra de John Cornwell fosse selecionada para promover as discussões no âmbito deste trabalho, pois sua posição de historiador e teólogo católico não o impediu de questionar a atuação do papa diante do holocausto, suscitando que o pontífice cultivava ideais antissemitas.

De outra parte, entre os que divergiram de afirmações acusativas direcionadas a Pio XII para com os judeus estavam os padres Pierre Blet e Joaquim Blessmann. Segundo Souza, Blet estava entre os quatro jesuítas responsáveis pela publicação das “*Actes et documents du*

<sup>146</sup> PHILIPP, Bárbara. 1963: peça “O vigário” denuncia omissão do Vaticano no nazismo. *DW-Deutsche Welle*. Disponível em: <<http://p.dw.com/p/1rwc>>. Acesso em: 7 maio 2018.

<sup>147</sup> SOUZA, 2013, p. 5.

<sup>148</sup> SOUZA, 2013, p. 132.



*Saint-Siège relatifs à la Seconde Guerre Mondiale*”, a qual continha 12 volumes<sup>149</sup>. Esses documentos servem como fonte primária para os estudos da ação de Pio XII em favor dos judeus e podem ser acessados por meio do Vaticano. Foram elaborados entre 1965 e 1981<sup>150</sup> e constituíram ponto de partida para que Blet escrevesse “*Pie XII et la Seconde Guerre Mondiale: d’après les archives du Vatican*”, resultado de intenso trabalho de pesquisa e dedicação.

Entre 1960 e 1970, Blet atuou na Secretaria do Vaticano para a Unidade dos Cristãos como membro original e exerceu a função de reitor do Instituto Tantur Ecumênico de Estudos Teológicos, em Jerusalém<sup>151</sup>. Sua obra objetiva demonstrar que Pio XII quis a paz e que não apoiou o nazismo, afirmando que,

entre a visita do *reich* ao Vaticano e a do papa ao Quirinal, Pio XII teve outras oportunidades para retornar à grande questão da paz. Se a festa de Natal não trouxe à Europa em guerra a trégua que alguns imaginavam, a fraca atividade militar deste período a tornara bastante formal, sendo marcada por uma nova mensagem de Pio XII. No dia 24 de dezembro, às 10h30, dirigindo-se diretamente aos cardeais e preladados da Cúria Romana, ao mundo inteiro, o papa falou da paz. Não se tratava de um chamado para a negociação ou suspensão de armas, mas uma preparação a longo prazo para uma paz futura, sólida e duradoura. Após se estender sobre as causas da guerra, os horrores e violações da lei que acompanhavam o conflito, Pio XII enumerou cinco premissas indispensáveis para fundar a paz do mundo em ordem e justiça (tradução nossa)<sup>152</sup>.

Por todo o livro, a paz ameaçada foi colocada em discussão pela Santa Sé, demonstrando que a tentativa de promovê-la durante a Segunda Guerra teria sido frustrada por Hitler. Destaca Blet que as radiomensagens de Natal emitidas pelo pontífice não foram suficientes para fazer parar os planos do ditador alemão em relação ao domínio da Europa. Pio XII continuou tendo outras oportunidades para falar sobre a paz. Todavia, a violência e os horrores da guerra tomavam conta da Alemanha e de todo o continente europeu. Hitler estava disposto a seguir no conflito.

<sup>149</sup> Cf. SOUZA, 2013, p. 117.

<sup>150</sup> STRANKSKY, Thomas F. Prefácio. In: BLET, Pierre. *Pie XII et la Seconde Guerre Mondiale: d’après les archives du Vatican*. Paris: Academique Perrin, 1997. p. xii.

<sup>151</sup> Cf. STRANKSKY, 1997, p. xv.

<sup>152</sup> BLET, Pierre. *Pie XII et la Seconde Guerre Mondiale: d’après les archives du Vatican*. Paris: Academique Perrin, 1997. p. 19. “*Entre la visite du roi au Vatican et celle du pape au Quirinal, Pie XII avait eu d’autres occasions de revenir sur la grande question de la paix. Si la fête de Noël n’apporta pas à l’Europe en guerre la trêve que certains avaient envisagée, mais que la faible activité militaire de cette période eût rendue assez formelle, elle fut marquée par un nouveau message de Pie XII. Le 24 décembre à 10 h 30, s’adressant directement aux cardinaux et aux prélats de la curie romaine, et, par-delà les présents, au monde entier, le pape parla de la paix. Ce n’était pas un appel à la négociation ou à la suspension d’armes, mais une préparation à long terme en vue d’une paix future, solide et durable. Après s’être étendu sur les causes profondes de la guerre, sur les horreurs et les violations du droit qui accompagnaient le présent conflit, Pie XII énuméra sous cinq chefs les présupposés indispensables pour fonder la paix du monde dans l’ordre et la justice*”.



Oswaldo Orico é outro que critica “O vigário”, alertando os acusadores de Pio XII sobre a tendência anticatólica de Hochhuth. Anuncia ele que

o exame dos ataques dirigidos à memória de Pio XII pelos críticos impertinentes – sobretudo pelo libelo teatral de Hochhuth – leva a uma conclusão: é que eles não se contentaram com a palavra do Papa em todas as oportunidades em que foi solicitada e ouvida. Queriam um grito histórico<sup>153</sup>.

Após a morte de Eugenio Pacelli, assistiu-se a um silêncio por parte de seus defensores. Tal estratégia foi usada para beneficiar a Santa Sé e as relações diplomáticas com Hitler, tentando, também, salvar alguns judeus das garras do “animal feroz”, o Terceiro *Reich*. Essa estratégia, no entanto, foi pinçada pelos que lhe formularam críticas. Os massacres na Polônia e na Iugoslávia foram alguns dos motivos que fizeram com que os críticos de Pio XX se rebelassem.

No transcórre de “Pio XII e o massacre dos judeus”, Orico faz críticas aos autores que questionaram acerca do silêncio do papa. Já no primeiro capítulo, defende a tese de que “a peça de Rolf Hocchluth [...] foi apenas o golpe teatral de que se serviram os inimigos de Pio XII para dramatizar o processo contra este”<sup>154</sup>. Após discorrer sobre os pontificados de Pio XI, o qual teve Eugenio Pacelli como secretário de Estado, e deste como Pio XII, Orico volta os ataques a “O vigário”, criticando seu autor, por “[...] oferecer-nos a caricatura de um papa mole, flácido e frágil, sem a grande envergadura para os grandes momentos que teve de enfrentar”<sup>155</sup>. Até o fim, o livro empenha-se em mostrar ao leitor que “O vigário” e as acusações sobre Pio XII ter apoiado o nazismo são falsas e sem veracidade histórica.

Pio XII refugiava-se em orações silenciosas. Nas palavras de Orico, todavia, isso “[...] teria concorrido para acautelar o destino de milhões de seres humanos atendidos por providência de outra espécie”<sup>156</sup>, o que, em seu entendimento, não permite considerar o pontífice como “prisioneiro do silêncio”.

Outro defensor de Pio XII é Joaquim Blessmann, que, em seu livro, organiza os fatos e discute sobre o antissemitismo e as declarações de John Cornwell a respeito de ser Eugenio Pacelli “o papa de Hitler”. Para Blessmann,

a atuação de Pio XII ante o Holocausto dos judeus é um dos temas preferidos por vários grupos interessados em atingir a toda a Igreja Católica, ao denegrir a memória deste grande Papa. A igreja lhes incomoda por sua intransigente defesa dos

<sup>153</sup> ORICO, 1966, p. 53.

<sup>154</sup> ORICO, 1966, p. 15.

<sup>155</sup> ORICO, 1966, p. 53.

<sup>156</sup> ORICO, 1966, p. 55.

interesses verdadeiramente humanos, contidos nos ensinamentos de Cristo, os quais ela deve manter integralmente e divulgar entre todos os povos e nações<sup>157</sup>.

Logo no prefácio de seu livro, o autor defende o caráter infalível da igreja, pois ela defenderia “interesses verdadeiramente humanos” e se coloca em igualdade com Cristo e seus ensinamentos. Pode ser que, para ele, aqueles que vão de encontro com o comportamento do “grande papa” estejam promovendo falsas acusações por, sem conhecimento de causa, julgarem Pio XII de ter colaborado com o nazismo. Nesse sentido, Blessmann enfatiza que, durante o conflito “[...] por quase 20 anos após seu término, Pio XII era mundialmente conhecido como o ‘Papa da paz’”<sup>158</sup>. Está claro que nesta afirmação Pio XII seria o herói do imaginário católico, tal como, ao mesmo tempo, Hitler foi o herói do imaginário político alemão.

Na primeira parte de seu livro, Blessmann faz críticas ferozes às obras “O vigário” e “O papa de Hitler”, argumentando que estas basearam-se apenas em “[...] generalizar erros ocorridos, escamotear certos fatos, seja por má fé, por desconhecimento de documentos e testemunhos, por afirmações gratuitas, por opiniões sem qualquer fundamento, e assim por diante”<sup>159</sup>. Tal afirmação é direcionada para aqueles que, em busca de argumentos de que Pio XII teria apoiado o nazismo, produziram interpretações parciais sobre os fatos e sobre a lógica que o pontífice adotou ao tentar dialogar com Hitler.

O que deixa Blessmann ainda mais estupefato a respeito de “O vigário” é que, nesta obra,

Pio XII é acusado de covarde e de colaborar com o nazismo, de ser conivente com a deportação dos judeus de Roma e do resto da Itália, e insensível ao drama do holocausto. Resumindo, Pio XII foi o responsável maior pelo extermínio (parcial) dos judeus<sup>160</sup>.

O que perpassa o drama contido em “O vigário” é o cunho político-teatral, muito conhecido na época e cuja característica mais marcante é mostrar as atitudes de uma pessoa, difamando-a ou louvando-a<sup>161</sup>. No entanto, suas acusações a Pio XII passam despercebidas na peça ao vivo, encenada em um teatro da Alemanha.

Quanto ao jornalista inglês John Cornwell, sua obra “O papa de Hitler” foi classificada por Blessmann como pseudocientífica, pelas hipóteses nela aventadas. Este

<sup>157</sup> BLESSMANN, Joaquim. *O holocausto, Pio XII e os aliados*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003. p. 7.

<sup>158</sup> BLESSMANN, 2003, p. 7-8.

<sup>159</sup> BLESSMAN, 2003, p. 13.

<sup>160</sup> BLESSMAN, 2003, p. 19.

<sup>161</sup> Sobre essa peça teatral formulada por Erwin Piscator, fundador da Escola Dramática. cf. HOCHHUTH, 1965, p. 19.

ressalta que, “entre outras acusações, Cornwell afirma ainda que Pio XII ajudou Hitler contra os judeus por ódio aos comunistas; apoiou o nazismo contra o partido dos católicos na Alemanha, o *Zetrum*”<sup>162</sup>.

As discussões suscitadas pela obra de Cornwell, abordadas mais minuciosamente no próximo tópico, se estabelecem até hoje e, na medida em que as produções científicas vão ganhando força na contemporaneidade, vão também surgindo outros autores que se posicionam a respeito do tema, tais como Gordon Thomas e Margherita Marchiori. Para esta, o contato com os escritos de Robert A. Graham, padre especialista em diplomacia da Santa Sé durante o segundo conflito mundial, a teria levado a sentir-se convencida de que Pio XII havia condenado o antissemitismo, o racismo e o genocídio, antes, durante e depois do Holocausto<sup>163</sup>.

#### 2.2.1.1 Análise de “O papa de Hitler”, de John Cornwell

John Cornwell, assim registrado, nasceu em Londres, em 1940, e logo cedo teve contato com o catolicismo, pois, no início de sua adolescência, sua família viveu em tempos de dificuldades durante e após a Primeira Guerra<sup>164</sup>. Em seu livro “*Seminary boy*”, Cornwell discorre a respeito da convivência com a religião católica, as experiências que teve durante a Segunda Guerra e as dificuldades em aceitar algumas experiências que a partir dela vivenciaria.

No relato sobre sua adolescência e juventude no seminário, chama atenção para a convivência difícil que experimentou neste período: “o fim da minha delinquência e o crescimento da minha vida devota seguiram um trauma, eu não conseguia confiar em ninguém”<sup>165</sup>. Em sua narrativa, sobressai-se o fato de que, na instituição, foi abusado sexualmente, o que trouxe impactos marcantes à sua vida, passando a ter de lidar com uma série de contradições e infelicidades. Em sua obra, conta, ainda, sobre como se tornou jornalista e sobre sua paixão pela literatura e pelo conhecimento.

“O papa de Hitler” situa-se no gênero biografia. Embora seja a obra que o tornou autor amplamente conhecido, não é a única. Membro da *Royal Society of Literature*, em 2005, recebeu o prêmio *Science and Medical Network Book of the Year*, por “*Hitler’s scientists:*

<sup>162</sup> BLESSMANN, 2003, p. 73.

<sup>163</sup> Conforme relata THOMAS, 2013. p. 361.

<sup>164</sup> CORNWELL, John. *Seminary boy*. New York: Doubleday, 2006. p. 2.

<sup>165</sup> CORNWELL, 2006, p. 13. “*The end of my delinquency and the growth of my devout life followed a trauma that i was unable to confide in anyone least all dad*”.

*science, war and the Devil's Pact*". Além disso, tem sido destacado como autoridade na história e na filosofia da ciência, dedicando-se a temas que possuem interface com ciência, ética e religião, no âmbito do Projeto *Science and Human Dimension*, vinculado ao *Jesus College*, da Universidade de Cambridge<sup>166</sup>.

Em "O papa de Hitler", o autor acusa Pio XII de ter sido antissemita e ter colaborado para a disseminação do antissemitismo no período nazista. Algumas teses referentes a essa conduta serão demonstradas aqui. O primeiro ponto a ser destacado é que, sem desconsiderar que existe uma distinção possível entre antissemitismo, que tem a raça como critério marcador de exclusão, e antijudaísmo, o qual se fundamenta no ódio à religião judaica, "[...] na época em que Pacelli era estudante, havia uma onda de antipatia vigorosa [...]"<sup>167</sup> a esta religião. Cornwell ressalta, inclusive que ela era sentida também por seus antecessores, tanto os que exerceram o pontificado na Idade Média como também na Idade Moderna. Exemplo disso foi a atitude de Paulo IV, de instituir, no século XVI, um gueto para os judeus, obrigando-os a uso de um distintivo amarelo<sup>168</sup>.

A caracterização desses episódios da História tem a finalidade promover o entendimento do que ocorria na época em que Eugenio Pacelli nasceu, o contexto vivido por sua família, a qual sofreu forte influência do que perpassava o imaginário popular católico. O argumento fundamental para Cornwell está no fato de que era perceptível na história, tanto nos papas quanto na sociedade, um esforço intenso para evitar que a religião judaica pudesse propagar. Na análise de Cornwell,

esses preconceitos não podiam ser considerados hostis às teorias racistas que culminariam na furiosa investida dos nazistas contra os judeus europeus durante a Segunda Guerra Mundial. É até plausível que esses preconceitos católicos tenham estimulado aspectos do anti-semitismo nazista<sup>169</sup>.

Cornwell prossegue nos argumentos discorrendo sobre a vida de Pacelli, sobretudo a respeito de seu caráter diplomático nas relações, bem como sobre os interesses papais por trás das famosas concordatas, como a Concordata Sérvia. Explica o autor que

a Sérvia, por sua vez, tinha tudo a ganhar com a concordata [...] O Vaticano também tinha muito a ganhar, pois a concordata proclamava o fim dos séculos de antagonismo entre Roma e o 'cisma' ortodoxo, abrindo a perspectiva de evangelização católica latina e do rito oriental na Rússia e na Grécia. Acima de tudo,

<sup>166</sup> JOHN Cornwell. Disponível em: <<https://www.wook.pt/autor/john-cornwell/8162>>. Acesso em: 28 maio 2018.

<sup>167</sup> CORNWELL, 2000, p. 41.

<sup>168</sup> Cf. CORNWELL, 2000, p. 39.

<sup>169</sup> CORNWELL, 2000, p. 41.

os documentos revelam que era este o impulso motivador de Pacelli, a concordata concedia ao papado importantes prerrogativas de autoridade [...] <sup>170</sup>.

As concordatas serviam, portanto, para benefício da Igreja Católica e da sua propagação à cristianização mundial. O interesse de Pacelli mostra claramente a preocupação com a autoridade papal, inclusive em legitimar leis para designação de cargos eclesiásticos. Além do Tratado Sérvia, outro exemplo foi o Tratado de Latrão, no qual também são observadas tentativas de estabelecer o poderio político do Vaticano sobre os seus interesses. Estes, todavia, não eram interesses do povo, mas de uma porcentagem dos considerados católicos e ligados à Santa Sé.

Como dito, os primeiros anos da Segunda Guerra Mundial coincidiram com o início do pontificado de Pio XII. Conforme Cornwell, depois de alguns anos no cargo, o papa demonstra real preocupação em relação ao regime e à perseguição empreendida aos judeus. Afinal, mesmo que o extermínio desse grupo viesse sendo praticado às escuras, não se manteve assim por muito tempo.

Refletindo sobre tal situação, Cornwell traz a seguinte indagação, dirigida ao comportamento silencioso do papa: não seria “[...] um dever cristão óbvio protestar e resistir ao extermínio dos judeus quaisquer que fossem as consequências?” <sup>171</sup>. Tal questionamento é o que norteia a discussão por ele promovida em relação à omissão do papa, defendendo a tese de que “o cristianismo e o catolicismo em particular tinham uma longa história de antijudaísmo em termos religiosos, algo que não diminuía no século XX” <sup>172</sup>.

#### 2.2.1.2 Análise de “Judeus do papa”, de Gordon Thomas

Gordon Thomas, jornalista que escreveu sobre a vida de Pio XII, apoia-se sobretudo na relevância que este teve em relação à perseguição aos judeus nos guetos de Roma. O plano secreto de Pio XII de salvar os judeus, subtítulo de seu livro, refere-se à primeira afirmação: Pio XII teria colaborado para ajudar os judeus. Entretanto, este autor questiona se isso teria ocorrido ao longo de todo o seu pontificado ou se pronto ele estava para desafiar Hitler, denunciando-o com contundência.

---

<sup>170</sup> CORNWELL, 2000, p. 41.

<sup>171</sup> CORNWELL, 2000, p. 315.

<sup>172</sup> CORNWELL, 2000, p. 315.



As breves notas de tradução do livro logo apontam o objetivo do autor ao tê-lo escrito: “esclarecer o papel de Pio XII e do Vaticano durante a Segunda Guerra Mundial”<sup>173</sup>. Na primeira parte da obra, Thomas garante que, para Pacelli, “[...] morrer era uma garantia de vida [...]. Muito tempo antes havia aprendido isso com sua mãe [...]”<sup>174</sup>. O autor enfatiza o que seria para ele o caráter mortal do papa, em função das discussões posteriores à sua morte, que giram em torno das perseguições que envolvem o nome de Pacelli e o próprio Vaticano.

Ainda na primeira parte da obra, Thomas escreve sobre a relação entre os judeus e a Igreja Católica, destacando como, na época de Gregório Magno I (590-604 d. C.), falava-se sobre “os judeus traiçoeiros”<sup>175</sup>. Sublinha, no entanto, que as perseguições a esse grupo não começaram na Idade Moderna; têm longa duração, estando circunscritas a lutas da Igreja e do cristianismo contra os povos e religiões que se sobressaem em importância em diversos tempos, neste caso, os judeus e o judaísmo.

Em sua narrativa, Thomas destaca, por exemplo, que, “nas primeiras semanas de seu Papado, Pio XII se manteve preocupado com o destino dos judeus no Terceiro *Reich*”<sup>176</sup>. Seu cuidado em relação à posição moral da Igreja diante do povo perseguido “[...] autorizou os cardeais a canalizar recursos em favor dos judeus com a necessidade de expedir certidões de nascimento para sua proteção”<sup>177</sup>. Com tais medidas, todavia, Pio XII conseguiu retirar uma porcentagem mínima de judeus da Alemanha.

Em síntese, na primeira parte de sua obra, Thomas preocupa-se incessantemente em demonstrar que Pio XII ajudou os judeus de fato<sup>178</sup>, mas isso teria se reduzido a um pequeno círculo, não lhe sendo possível alcançar os que estavam mais distante, de modo que vão se passando os anos e sua coragem fica cada vez mais restrita às paredes do Vaticano. Nesse sentido, lembra que, no fim do ano em que foi consagrado papa, ao ouvir a notícia de que Hitler havia invadido a Polônia, Pio XII “[...] vai para sua capela rezar [...]”<sup>179</sup>.

Thomas sublinha, ainda, que, mesmo tendo duas chances de ajudar um grupo secreto da Grã-Bretanha para depor Hitler, Pio XII não o fez<sup>180</sup>, o que, segundo Dan Kurzman, teria ocorrido por medo de vazamento de informações<sup>181</sup>. No entanto, apesar de expor esse

---

<sup>173</sup> THOMAS, 2013, p. 5.

<sup>174</sup> THOMAS, 2013, p. 27.

<sup>175</sup> THOMAS, 2013, p. 50.

<sup>176</sup> THOMAS, 2013, p. 65.

<sup>177</sup> THOMAS, 2013, p. 65.

<sup>178</sup> THOMAS, 2013, p. 78, relatando que Pio XII teria retirado dos fundos do Banco do Vaticano para apoiar os imigrantes judeus, mas esses tinham documentos que o identificassem como católicos.

<sup>179</sup> THOMAS, 2013, p. 79.

<sup>180</sup> Cf. THOMAS, 2013, p. 71.

<sup>181</sup> KURZMAN, Dan. *Conspiração contra o Vaticano: o plano secreto de Hitler para sequestrar o Papa Pio XII*. São Paulo: Zahar, 2008. p. 20.



comportamento, ao longo de toda a sua obra, Thomas discute a participação ativa de Pio XII com os judeus de Roma e levanta alguns aspectos a respeito: para ele, e isso é o que mais interessa neste trabalho, o “papa não permaneceu ‘silencioso’ e não era o ‘papa de Hitler’”<sup>182</sup>.

Elaborada a partir de documentos e com a contribuição de personalidades influentes do Vaticano, a obra de Gordon Thomas é relevante para trazer luz sobre a atitude do papa Pio XII perante os judeus. Uma de suas perguntas principais é se Pio XII “[...] realmente se manifestou contra o Holocausto e genuinamente ajudou a salvar os judeus”<sup>183</sup>. Na defesa do pontífice, o autor sublinha que o “[...] Papa solicitou que os padres de Roma apelassem em seus púlpitos para que as batalhas fossem interrompidas [...] Milhares de judeus estavam em esconderijos e encontravam-se ou no Vaticano ou em casas religiosas em toda Roma”<sup>184</sup>, em troca do que deveriam se converter ao cristianismo católico. Para o autor, essa condição imposta pelas autoridades da Igreja “[...] assombraria o Papa pelo resto de sua vida e ajudaria a rotulá-lo como ‘Papa de Hitler’”<sup>185</sup>.



---

<sup>182</sup> THOMAS, 2013, p. 361.

<sup>183</sup> THOMAS, 2013, p. 359.

<sup>184</sup> THOMAS, 2013, p. 294.

<sup>185</sup> THOMAS, 2013, p. 301.

### 3 A RELAÇÃO DE PIO XII COM O ANTISSEMITISMO E O HOLOCAUSTO

Este capítulo discorre sobre a dinâmica do relacionamento estabelecido pelo papa Pio XII em relação a dois fenômenos marcantes de sua época. O primeiro deles é o antissemitismo, o qual não é próprio do século XX, fazendo parte inclusive da história do catolicismo, mas assumindo, à época do pontífice, nuances produzidas pelo contexto da modernidade. Outro fenômeno é o Holocausto, que, sob a batuta do nazismo de Hitler, ceifou a vida de milhares de pessoas, em especial, dos judeus. Relatos de sobreviventes são destacados, refletindo-se, por fim, se Pio XII teria sido, ele mesmo, um antissemita que teria vendado os olhos diante do Holocausto.

#### 3.1 Uma breve reflexão sobre o antissemitismo moderno

Os judeus foram perseguidos de todas as formas: por suas crenças, seus ritos e suas formas de governo, as quais foram repudiadas pelo catolicismo e pelos países europeus, abrindo espaço para a propagação do antissemitismo. A palavra antissemitismo é nova e assume sentido genérico entre os judeus e as sociedades em geral, conforme explica Bila Sorj<sup>186</sup>. Este autor enfatiza que o antissemitismo “como qualquer outro fenômeno histórico, é parte integrante das dinâmicas socioculturais e políticas específicas a cada sociedade”<sup>187</sup>.

A perseguição contumaz contra os judeus teve origem no Império de Constantino, por serem, segundo Pierre Solin, “[...] o único grupo religioso rigorosamente monoteísta no Império Romano antes do século I d. C. [gozando] [...] de privilégios bem definidos [...] por praticarem um culto comum”<sup>188</sup>. Todavia, com a ascensão do cristianismo nas Cruzadas, isso passa a se modificar; “ao partir para a Terra Santa, os cruzados iniciaram uma expedição com um massacre de centena de judeus (1096 d. C.)”<sup>189</sup>.

As perseguições feitas pela Igreja Católica delineiam uma superioridade dos pontos de vista religioso e político quando, no século V d. C., o bispo Gregório de Tours (538-594) “[...] é muito explícito na sua rejeição aos judeus, ao considerá-los mentirosos, traiçoeiros e

<sup>186</sup> SORJ, Bila. Anti-semitismo na Europa hoje. *Novos Estudos – Cebrap*, São Paulo, n. 79, p. 97-115, nov. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002007000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 1 dez. 2018.

<sup>187</sup> SORJ, 2007, p. 98.

<sup>188</sup> SOLIN, Pierre. *O antissemitismo alemão*. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 14.

<sup>189</sup> SOLIN, 1974, p. 17.

cruéis”<sup>190</sup>, na crônica *Historia Francorum*. No século X, já estabilizada como religião oficial do Império Romano, a Igreja Católica viu a necessidade de se partir para as conversões forçadas. A animosidade crescente dos cristãos subjuga o judaísmo e os judeus a uma conversão radical ao cristianismo católico, o que traduz a superioridade deste<sup>191</sup>.

No âmbito público, a vida dos judeus sofreu intensa piora, em função da perseguição física e das condenações morais difamando as condutas judaicas. Exemplo disso são as acusações de práticas de assassinato em rituais desta religião encontradas nas enciclopédias de Tomás de Cantimpré (1200-1270 d. C.)<sup>192</sup>. Nas palavras de Eriksen, Harket e Lorenz,

as acusações de ‘Assassinato ritual’ eram tão frequentes e tinham um desfecho tão sangrento no século XIII, que tanto o imperador Frederico II (1236 d. C.) como o Papa Inocêncio IV (1247 d. C.) proibiram seus súditos de espalharem rumores tão estúpidos. Muitas vezes, a motivação econômica [para tais boatos] era [...] significativa<sup>193</sup>.

Alguns fatos, tais como as crises bancárias no século XIX e a própria contraposição que a dinâmica cultural do povo judeu faz ao conceito de Estado-nação, colaboraram para o desenvolvimento do antissemitismo moderno, o qual é envolvido por uma identidade coletiva e uma política de Estado-nação que rejeita “[...] costumes regionais, dialetos locais e minorias étnicas”<sup>194</sup>. Portanto, o antissemitismo é, basicamente, termo “[...] usado para designar, de forma genérica, as manifestações de hostilidade contra judeus desde os tempos greco-romanos até os dias de hoje”<sup>195</sup>.

Após a Revolução Francesa, na construção do Estado Nacional francês, o antissemitismo constituiu um movimento com espaços na esfera pública e configurou-se como arma política de alguns partidos. Em meio às nacionalidades que emergiam na Europa, minorias étnicas e suas respectivas culturas foram deixadas de lado. Nessa perspectiva, a expulsão do elemento judeu da “alma nacional” é uma das características do antissemitismo político. Essa exclusão se amplia mais tarde, visto que, depois da Primeira Guerra, evidenciava-se o antissemitismo cultural: agora, os judeus, vão sendo exonerados de suas funções profissionais e expulsos dos países em que viviam.

Ocorrido em 1894, na França, o denominado “Caso Dreyfus” foi um dos fatos que marcaram a ascensão do antissemitismo moderno. Oficial do Estado Mayor, francês Alfred

<sup>190</sup> ERIKSEN; HARKET; LORENZ, 2010, p. 44.

<sup>191</sup> Cf. SOLIN, 1974, p. 18.

<sup>192</sup> Cf. ERIKSEN; HARKET; LORENZ, 2010, p. 55.

<sup>193</sup> ERIKSEN; HARKET; LORENZ, 2010, p. 56.

<sup>194</sup> ERIKSEN; HARKET; LORENZ, 2010, p. 3.

<sup>195</sup> SORJ, 2007, p. 97.

Dreyfus, de origem judaica, foi acusado de espionagem a favor da Alemanha e, em decorrência disso, “degradado militarmente na praça pública e finalmente condenado à prisão em uma unidade no exterior” (tradução nossa)<sup>196</sup>. Anos mais tarde, constatou-se sua inocência.

Referindo-se a Hannah Arendt, Miriam Jerade Dana afirma que, para essa pensadora alemã de origem judaica, “destaca-se um problema relativo à soberania territorial dos Estados-nações, uma vez que exerceram seu direito de conceder ou negar a cidadania, bem como deportar as minorias que acreditavam que eram inconvenientes” (tradução nossa)<sup>197</sup>.

Portanto, na transição do século XIX para o século XX, o antissemitismo vai tomando formas diferentes, mas, resumidamente, tais formas justificam o objetivo de discriminar e culpabilizar os judeus, por serem um povo cuja cultura era independente das outras. Diante disso, os antissemitas tinham o objetivo de extinguir os judeus em todos os campos sociais, o que culminou na “Solução final”, que, balizada pela ideologia nazista, objetivava, agora, eliminar os judeus da nação alemã, sendo um fenômeno característico do que Arendt denomina “banalidade do mal”<sup>198</sup>.

Desse modo, pela ótica psicanalítica, pode-se observar que os judeus não apenas eram vistos como desnecessários, como também eram considerados desprezíveis pelo outro, neste caso, os alemães, dirigidos por Hitler. Recaía sobre eles sentimentos inaceitáveis para os alemães em relação a si mesmos, sendo projetados nesse grupo. De modo institucional, o antissemitismo é racionalizado, sendo criado como objeto desejante do outro. O modo de ser no judaísmo resgatou do inconsciente social alemão o ódio e o rancor que emergiram contra os judeus no auge do nacionalismo, o qual, sublinha-se novamente, tem raízes séculos antes.

As ideologias antissemitas eram encontradas em diversos intelectuais da época moderna, tais como no gênio da música Richard Wagner<sup>199</sup> e no filósofo Martin Heidegger<sup>200</sup>,

<sup>196</sup> DANA, Miriam Jerade. Nacionalismo y antisemitismo: Hannah Arendt sobre la cuestión judía y el Estado nación. *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*, LX, sep./dic. 2015. p. 13. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=42141200013>>. Acesso em: 1 dez. 2018. “[...] *degradado militarmente en la plaza pública y finalmente condenado a la pena de cárcel en una dependencia de ultramar*”.

<sup>197</sup> Cf. DANA, 2015, p. 19. “*Subraya un problema en cuanto a la soberanía territorial de los Estados nación, pues ejercían su derecho tanto de otorgar o negar la ciudadanía como de deportar a aquellas minorías que creían inconvenientes [...]*”.

<sup>198</sup> Termo usado por ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo e totalitarismo*. Trad. Roberto Raposo. 8. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. A obra discute como tal banalidade formou-se dentro da sociedade moderna.

<sup>199</sup> Artista favorito de Hitler, Wagner era, claramente, um antissemita. Conferir CARTA antissemita de Richard Wagner vai a leilão em Israel. *Deutsche Welle*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/carta-antissemita-de-richard-wagner-vai-a-leilao-em-israel/a-43488992>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

<sup>200</sup> O NAZISMO segundo Heidegger: “Hitler desperta nosso povo”. *Instituto Humanitas Unisinos*, out. 2016. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/561279-o-nazismo-segundo-heidegger-hitler-desperta-nosso-povo>>. Acesso em: 22 fev. 2019. Discute cartas recebidas pelo irmão de Heidegger, em

os quais, por sua posição, legitimavam o antissemitismo em seu modo de vida e como produtores de conhecimento.

Em si, o conceito de antissemitismo opera repressão. No auge da modernidade, essas repressões assumiram caráter político e fizeram-se presentes nas funções organizacionais, por exemplo, exercidas pelos partidos políticos, como o Partido Nazista. Segundo afirma Henrique Mandelbaum, “as implicações de responsabilidade e aperfeiçoamento moral se ancoram numa outra cena, na qual somos todos assassinos de um pai primevo”<sup>201</sup>. Freud tenta explicar as origens do povo judeu em “Moisés e o monoteísmo”, obra em que, no entendimento de Toba Sender, o pensador “[...] busca também, nos moldes de uma Teoria Psicanalítica, uma teoria para o antissemitismo”<sup>202</sup>.

De origem judaica, nascido em meio a uma ordem já estabelecida pelos antissemitas, Freud teve no antissemitismo uma de suas preocupações, até porque, percebendo o preconceito em sua vida, ele próprio precisou fugir da Alemanha, fazendo-o antes mesmo da ascensão de Hitler. Conforme Sender, “Freud indica razões históricas e razões ditas ocultas, para o ódio aos judeus”<sup>203</sup>. Duas, em especial, chamam atenção, a saber: “[...] o ciúme para com o povo que se declarou o filho primogênito e favorito de Deus ainda não foi superado entre os outros povos [...]”<sup>204</sup> e “[...] a proibição de fabricar uma imagem de Deus, o que implicou o triunfo da intelectualidade sobre a sensualidade, enfim, a renúncia instintual, com todas as suas consequências [...]”<sup>205</sup>.

A segunda hipótese estaria ligada a uma razão oculta e poderosa, a qual se situaria no inconsciente, o que torna o antissemitismo mais difícil de ser erradicado. Isso porque, nessa perspectiva, o monoteísmo judaico é interpretado como intelectual e moralmente acima dos demais. A vantagem de comporem o que ficou conhecido como povo eleito repercute em outras culturas e povos, fazendo surgir sentimentos que, se manifestados, geram violência e assassinato, como é o caso do assassinato do Pai da Horda Primeva.

Atos que surgem no inconsciente passam distante da realidade de compreensão dos seres humanos. Por isso, afirma Mandelbaum que,

---

que este conta sobre a influência no Partido Nazista, a respeito do qual este filósofo tinha convicção de que seria bom para o povo alemão.

<sup>201</sup> MANDELBAUM, Henrique. Algumas considerações sobre judeus, judaísmo e Antissemitismo. *Revista USP*, São Paulo, n. 93, 2012. p. 235.

<sup>202</sup> SENDER, Toba. Moisés e o monoteísmo: uma teoria para o antissemitismo. In: LEWIN, Helena. (Coord.) *Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-relações*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. p. 690.

<sup>203</sup> SENDER, 2009, p. 690.

<sup>204</sup> SENDER, 2009, p. 690.

<sup>205</sup> SENDER, 2009, p. 690.

em Freud, os mecanismos de projeção são parte dos recursos que utilizamos, tanto no nível pessoal quanto no nível institucional, para darmos conta desta sentença: o antissemitismo é um mecanismo de defesa, e o ódio que desperta nunca se atém a ficar confinado nas produções culturais<sup>206</sup>.

Na compreensão de Hannah Arendt, o antissemitismo tem raízes na autointerpretação judaica, desde os tempos bíblicos, quando havia uma dicotomia entre judeus e gentios. Logo, a pensadora deixa claro que suas origens não estão no nascimento do regime nazista na Alemanha. Entretanto, afirma ela que, ali, “[...] começou, de modo inesperado, novamente entre a nobreza, cuja oposição ao Estado foi de novo provocada pela transformação da monarquia prussiana num Estado-nação”<sup>207</sup>.

Na modernidade, o antissemitismo tem raízes na França, iniciando-se com a intenção de se estabelecer como um projeto político, culminando na crise econômica no início do século XX. Sobre a tonalidade política, afirma Hannah Arendt que

o sentimento antijudaico adquire relevância política somente quando pode ser combinado com uma questão política importante, ou quando os interesses grupais dos judeus entram em conflito aberto com os de uma classe dirigente ou aspirante ao poder. O moderno antissemitismo, tal como o vimos em países da Europa central e ocidental, tinha causas políticas, e não econômicas<sup>208</sup>.

Como já destacado, o antissemitismo na Europa moderna foi essencial para a promoção de partidos que desejavam assumir o poder, constituindo explicações para crises, como ocorreu na França, que estava socialmente dividida. Depois da Primeira Guerra Mundial, houve a propagação de ideias e propagandas antissemitas, com a publicação de cartazes alertando sobre o que seria a causa de toda a crise humanitária e econômica pela qual o país estava passando, a saber, os judeus. A imputação de responsabilidade desse povo por tal crise ficou muito nítida nas propagandas publicitárias do Partido Nazista, nas quais se ressuscitavam as velhas ideias mentirosas, por exemplo, de que os judeus seriam assassinos e corruptos, o que ganhou força na Alemanha, cujo poder maior Hitler assumiria em 1939.

### 3.2 O que foi o Holocausto?

O fenômeno do Holocausto, quase que automaticamente, se liga aos campos de concentração. Entretanto, estes são anteriores àquele. Os campos de concentração

<sup>206</sup> MANDELBAUM, 2012, p. 235.

<sup>207</sup> ARENDT, 2012, p. 41

<sup>208</sup> ARENDT, 2012, p. 52.



(*Konzentrationslager*) destinados a receber os prisioneiros judeus, mas não apenas estes, foram criados a partir de 1933, sendo o primeiro deles instalado na região periférica de Munique<sup>209</sup>. Recebiam os indivíduos que iam de encontro às leis estabelecidas e à moral nazista. Podiam designar vários tipos de campos, tais como os de trabalho forçado, de extermínio e de trânsito, sendo estes de abrigo temporário, usados durante as paradas no trajeto percorrido pelos detidos<sup>210</sup>.

Em 1935, conforme relata Voltaire Schilling,

[...] foram anunciadas as primeiras leis nazistas que visavam a atingir especificamente os judeus, as ditas Leis de Nuremberg, segundo as quais eles não poderiam mais [*sic*] casar-se com arianos, nem se manter em nenhuma função pública, nem mais ingressar nas universidades alemãs e muito menos dar aulas nelas<sup>211</sup>.

Tal situação comprometeu toda a formação educacional do povo judeu, a qual ficou restrita na Alemanha. Apenas os considerados arianos teriam o direito e acesso à educação. Bertrand Husserl, por exemplo, filósofo conhecido como o “pai da Fenomenologia”, “[...] foi proibido de frequentar a Biblioteca da Universidade de Freiburg, dirigida pelo seu discípulo Martin Heidegger”<sup>212</sup>, em função de sua origem judaica.

Apenas em 1941 “[...] a decisão pela chamada ‘Solução final’ (*Endlösung*) foi tomada [...] logo depois da invasão da União Soviética e das Repúblicas Socialistas, por tropas nazistas”<sup>213</sup>, implicando aceleração no plano de concretizar o extermínio dos judeus e outros grupos. Antes disso, não havia Holocausto, apenas perseguições políticas e pessoais dos nazistas, das quais o povo judeu era, como visto, o alvo principal.

Segundo Ania Cavalcante, Holocausto ou *Shoah*<sup>214</sup> vem de palavra hebraica (שואה) que significa, literalmente, “[...] destruição, ruína, catástrofe [...]”. Pressupõe uma definição cujas raízes históricas aparecem em relatos que compõem a bíblia hebraica. Na história dos judeus, a palavra remonta a um significado que envolve sacrifício e redenção. Tal termo, segundo Ariel Figuermann, “[...] significava um tipo de oferenda a Deus no Templo de

<sup>209</sup> SCHILLING, Voltaire. *Holocausto: das origens do povo judeu ao genocídio nazista*. Porto Alegre: Age, 2016. p. 48.

<sup>210</sup> CAVALCANTE, Ania. *O universo concentracionário nazista de 1933 a 1945 e a implementação da “Solução Final da Questão Judaica”, 1941-1945*. 2008. p. 4. Disponível em: <[http://diversitas.fflch.usp.br/files/active/0/Aula\\_4.pdf](http://diversitas.fflch.usp.br/files/active/0/Aula_4.pdf)>. Acesso em: 5 nov. 2018.

<sup>211</sup> SCHILLING, 2016, p. 47.

<sup>212</sup> SCHILLING, 2016, p. 47.

<sup>213</sup> SCHILLING, 2016, p. 50.

<sup>214</sup> Neste trabalho, as duas palavras são tratadas como tendo o mesmo significado.

Jerusalém que precisava ser totalmente queimada, a fim de expiar um pecado (Lev 1;1-10)”<sup>215</sup>.

Segundo afirma Cavalcante, o ano-chave para a política antissemita foi 1938, quando se iniciou a violência massiva com os judeus, com a primeira deportação acontecendo em 27 de outubro<sup>216</sup>. Logo quando começa a Segunda Guerra Mundial, um dos principais campos de extermínio foi aberto na Polônia, primeiro país que Hitler atacou, lugar onde esse povo tinha forte presença e no qual iniciaria, conforme afirma Laurence Rees,

um reinado de terror que faria da Polônia o epicentro do Holocausto. Os alemães construiriam em solo polonês todos os seus mais infames campos de extermínio, e a Polônia sofreria uma perda de população proporcionalmente maior que a de qualquer outro país na guerra. Quase seis milhões de pessoas que viviam na Polônia perderiam a vida – e pelo menos metade delas era de judeus<sup>217</sup>.

Por ser um país de população majoritariamente judia, a Polônia foi considerada por Hitler como o centro do campo de extermínio. Depois de bombardeada, o ditador a “germaniza”. A partir disso, ocorre a deportação de milhões de judeus poloneses aos campos de concentração. Aqueles que não foram mortos nos bombardeios, foram exterminados nos campos. O “povo eleito por Deus” tem uma vida incerta nos planos governamentais de Hitler. Um dos objetivos do governo nazista era levar uma mensagem, começando pela queima das sinagogas, para que o judaísmo não se perpetuasse como religião<sup>218</sup>.

Na visão de Zygmunt Bauman, “o Holocausto foi de fato uma *tragédia judaica*”<sup>219</sup>, embora, cabe ressaltar, ele tenha abarcado, também, indivíduos de outros grupos, tais como homossexuais, deficientes físicos e afrodescendentes. Por isso, o sociólogo polonês afirma que “o Holocausto foi definido por muitos como um tópico especializado da história judaica [...]”<sup>220</sup>, mas “[...] não foi simplesmente um problema judeu nem fato da história judaica apenas”<sup>221</sup>.

O Holocausto nazista foi fruto da modernidade e, portanto, “[...] o símbolo representativo da barbárie do séc. XX [...]”<sup>222</sup>, objetivando o extermínio total dos judeus. Entretanto, para Bauman, tal fenômeno foi mais que a representação do caos, sendo

<sup>215</sup> FINGUERMAN, Ariel. *A teologia do Holocausto: como os pensadores judeus e cristãos explicaram Auschwitz*. São Paulo: Paulus, 2012. p. 11.

<sup>216</sup> Cf. CAVALCANTE, 2008, p. 7.

<sup>217</sup> REES, Laurence. *O Holocausto: uma nova história*. São Paulo: Vestígio, 2018. p. 138.

<sup>218</sup> Cf. FINGUERMAN, 2012, p. 12.

<sup>219</sup> BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar. 1998. p. 10, grifos do autor.

<sup>220</sup> BAUMAN, 1998, p. 9.

<sup>221</sup> BAUMAN, 1998, p. 10.

<sup>222</sup> CAVALCANTE, 2008, p. 2.

[...] produto de um choque único de fatores em si mesmo bastante comuns e ordinários; e que em grande parte se poderia culpar, pela possibilidade de tal choque, a emancipação do Estado político, com seu monopólio dos meios de violência e suas audaciosas ambições manipuladoras, face ao controle social – como resultado do desmantelamento passo a passo de todas as fontes não políticas de poder e todas as instituições de autogestão social<sup>223</sup>.

Em função disso, o Holocausto é permanentemente lembrado como uma crise da civilização moderna e, portanto, uma crise civilizatória. Ocorreu paralelamente aos avanços civilizatórios e tecnológicos, ao mesmo tempo que o ser humano hipervalorizou a razão. O que precedeu tal fenômeno foi, segundo Bauman, a derrubada de todas as instituições de autogestão social, motivadas por ambições manipuladoras do Estado político<sup>224</sup>.

A partir disso, historiadores como Ania Cavalcante consideram o campo de concentração (*KZ ou Konzentrationslager, ou ainda Lager*) como um espaço para o extermínio em massa de milhões de pessoas de uma única raça durante o nacional-socialismo<sup>225</sup>. Os judeus eram levados para o campo apenas “[...] pelo que eram [...]”<sup>226</sup>. Ali, trabalhavam até a morte, que decorria também das péssimas condições de vida a que eram submetidos.

A frase “O trabalho liberta”<sup>227</sup> foi o símbolo do trabalho escravo nos campos, sendo lida pelos judeus ao ficar de cara com os portões de Auschwitz. Localizado na Polônia, este foi o maior campo de extermínio nazista, recebendo judeus e não judeus, além de soldados que eram surpreendidos pelo exército nazista nos campos de batalha.

Ali, havia momentos de trabalho e também de descanso. Entretanto, aqueles que ali estavam a serviço de Hitler, como soldados e guardas, não faziam distinção de quem podia trabalhar: crianças e adultos tinham o mesmo tratamento, sendo todos designados para o trabalho braçal, obrigados, portanto, aos mesmos afazeres. Voltaire Schilling afirma que, no campo de concentração, todos “[...] passaram a viver em condições subumanas [...]”<sup>228</sup>, estando submetidos a sofrimento incalculável. Para Fingerman,

a geração do Holocausto testemunhou o ápice do exílio cósmico, sua mais trágica e intensificação na História. Como o exílio nacional judaico acompanha a intensidade do exílio cósmico, os judeus sofreram de maneira radical na *Shoá [Holocausto]*. Durante a hegemonia do Nazismo, a redenção, que sempre acompanha o exílio, pareceu ter se extinguido totalmente, e a fé judaica foi abalada em suas fundações<sup>229</sup>.

<sup>223</sup> BAUMAN, 1998, p. 12.

<sup>224</sup> Cf. BAUMAN, 1998, p. 12.

<sup>225</sup> Cf. CAVALCANTE, 2008, p. 4.

<sup>226</sup> CAVALCANTE, 2008, p. 6.

<sup>227</sup> Em alemão, “*Arbeit macht frei*”.

<sup>228</sup> SCHILLING, 2016, p. 53.

<sup>229</sup> FINGUERMAN, 2012, p. 74.

Na visão do mesmo autor, aos judeus que saíram vivos do holocausto do regime fascista permanece a necessidade de reflexão sobre a fé e seus princípios. No judaísmo, a teologia tem o papel fundamental de lidar com questões pertinentes ao sofrimento dos judeus, não se esquecendo do quão importante é explicar não apenas o que foi o extermínio em massa deste povo no século XX, mas também a “face oculta de Deus”, o qual, na hora do sofrimento de seu povo, não teria estado presente.

### 3.2.1 *O Holocausto na voz de duas sobreviventes*

Quando os nazistas invadiram a Polônia, estabeleceram-se dois dos mais sangrentos campos de concentração da Europa, Auschwitz e Bergen-Belsen, onde milhares de pessoas tiveram suas vidas ceifadas. Nannette Blitz Koning viveu tempos difíceis, mas escapou desse desígnio. Em seu livro “Eu sobrevivi ao Holocausto”, relata as experiências que marcaram sua trajetória de vida no Holocausto, relatando sobre o trabalho forçado, o tratamento inadequado e as precárias condições de vida<sup>230</sup>.

Aqueles que, como Nannette, sobreviveram continuam sendo atormentados por lembranças de antissemitismo e de extermínio. Ressalta ela que “[...] as histórias dos campos de concentração fazem adultos terem pesadelos como se fossem pequenas crianças indefesas [...]”<sup>231</sup>, antecipando que “nas páginas deste livro, vocês lerão relatos de acontecimentos que permanecem eternamente na minha memória, como um filme sem-fim, e que me fazem ter pesadelos até hoje”<sup>232</sup>.

O trauma das experiências vividas diante do Holocausto é marca na vida de cada um dos sobreviventes. Ao contar sobre a história da Modernidade, Nannette se lembra do terrorismo que ocorreu com o povo judeu e o judaísmo. Para ela, a importância de se lembrar do Holocausto reside no fato de que, a partir disso, o mundo pode conscientizar-se sobre os horrores por ele produzidos<sup>233</sup>.

Morte e racismo marcaram a vida de Nannette Koning logo na adolescência, imprimindo em sua memória tristeza, angústia, desespero e medo. Ao contar sobre sua vida no campo de concentração, lembra ela que, “logo à primeira vista, Bergen-Belsen me pareceu um lugar ruim. Não tinha uma paisagem bonita para se ver e muito menos para habitar: uma

<sup>230</sup> KONIG, Nanette Blitz. *Eu sobrevivi ao Holocausto*. São Paulo: Universo dos Livros, 2015. p. 7.

<sup>231</sup> KONIG, 2015, p. 7.

<sup>232</sup> KONIG, 2015, p. 8.

<sup>233</sup> Cf. KONIG, 2015, p. 7.

extensa construção com diversas barracas, cercadas por arames farpados”<sup>234</sup>. Filha de banqueiro judeu, sua família foi surpreendida ao perceber que as acomodações nos campos estavam absurdamente distanciadas do modo de vida que mantinha até então:

podemos permanecer com nossas próprias roupas, ao contrário daqueles que haviam se escondido ao serem convocados para a deportação – esse fora o caso de Anne Frank e sua família, depois de terem sido descobertos em seu esconderijo, em agosto de 1944. Os foragidos eram considerados ‘judeus condenados’ e deveriam utilizar macacões azuis e tamancos de madeira, além de permanecer no bloco de punição, forçados a trabalhar nas piores condições e recebendo menos comida<sup>235</sup>.

Relatos de experiência de quase morte são comuns entre os que sobreviveram ao regime nazista; a morte caminhava lado a lado com o trabalho pesado ao qual os judeus eram submetidos. Era comum que os soldados arrumassem serviços sem uma finalidade clara, os quais, por vezes, eram apenas fantasias por eles elaboradas para a sua própria diversão. Desse modo, “os judeus faziam trabalhos absurdos e sem objetivo nenhum, senão serem castigados [...]”<sup>236</sup>. Em Auschwitz, portanto, colocou-se à prova a então superioridade da civilização europeia.

Os prisioneiros, não tinham tratamento apropriado no que tange à higiene, tampouco à dignidade. A concepção de vida para os que foram enviados aos campos de concentração mudou: eles tiveram que viver com o mínimo possível de suprimentos e com a dor e sofrimento causados também por enfermidades decorrentes das más condições do local. Isso intensificou os problemas psicológicos, segundo o relato da sobrevivente:

a tensão e a ansiedade eram tamanhas, que, um dia, de repente, desmaiei no meio do campo. Perdi os sentidos repentinamente, e uma senhora me acudiu. Voltei à consciência com os leves tapas que ela me dava no rosto para que eu pudesse me recuperar. Pode ser que eu tenha desmaiado também em virtude das condições precárias a que estávamos submetidos, mas a causa principal certamente foi o estado de nervos em que eu constantemente vivia<sup>237</sup>.

Em circunstâncias como esta, a vida humana se encontra em total dependência do outro. A Segunda Guerra e o Holocausto nazista conseguiram atingir as profundezas da alma, levando a consciência a dimensões de aflição e medo. Para os judeus, acreditar em Deus era uma necessidade. Entretanto, diante dos horrores produzidos pelo antissemitismo nazista, o judaísmo perde o valor universal e fica à deriva, sendo seus fiéis impelidos a fazer o seguinte

<sup>234</sup> KONIG, 2015, p. 25.

<sup>235</sup> KONIG, 2015, p. 16-17.

<sup>236</sup> KONIG, 2015, p. 38.

<sup>237</sup> KONIG, 2015, p. 16-17.



questionamento: “onde estaria esse Deus que deixava tudo acontecer?”<sup>238</sup>. A religião era um aspecto que marcava parte dos que vivam no campo, mas permanecer com fé em meio ao sofrimento era desafiador. Conforme revela Nannette, “a figura de Deus passou a ser muito questionada nos campos de concentração. Entretanto, apesar de alguns judeus aprisionados terem passado a negar um ser superior, havia aqueles que permaneciam com a devoção e a fé em suas práticas religiosas”<sup>239</sup>.

O ateísmo emergiu entre aqueles que negavam o culto e as práticas religiosas judaicas; passando por tamanho sofrimento, não conseguiam estabelecer uma relação com Deus. O objetivo de Hitler e seus compatriotas cumpria-se aí: não apenas os judeus deveriam ser exterminados, mas também o judaísmo.

Outra sobrevivente do Holocausto, Eva Schloss, autora de “Depois de Auschwitz”, esclarece que a Polônia “[...] tinha uma forte tradição de antissemitismo, e grande parte da população local se envolveu ativamente na construção do campo”<sup>240</sup>, com seus crematórios, altos muros de tijolos, escavações de valas. Foram os poloneses que ajudaram a construir Auschwitz-Birkenau, considerado o pior campo de concentração do regime. Amiga de Anne Frank, Schloss assim descreve Auschwitz:

cobria uma área enorme (mais de 170 hectares) e era habitado por muitos grupos diferentes de pessoas[...] Em quatro anos, o campo abrigou judeus de todas as nacionalidades (até mesmo Noruega e da Grécia), além de ciganos, presos políticos, criminosos e, em certo momento, [tornou-se] ‘um campo familiar’, com direito a um jardim de infância – por fim ‘liquidado’, com todas as crianças tendo sido enviadas para as câmaras de gás<sup>241</sup>.

Os campos eram lugares extremamente frios e, entre os internos, os judeus tinham menos privilégios. Entretanto, Eva Schloss<sup>242</sup> relata que, ali dentro, alguns judeus tinham condições melhores que outros, dependendo do grau de adaptação que demonstravam às condições existentes. Esta sobrevivente presenciou a construção de campos de extermínio na Polônia após 1942 e destaca que estes se diferenciavam dos campos de concentração quanto aos objetivos. Nesses últimos, ficavam judeus e não judeus, inclusive soldados inimigos do nazismo. Ali, trabalhavam até a morte, consequência da exaustão e da inalação do gás *Zyklon B*<sup>243</sup>.

<sup>238</sup> KONIG, 2015, p. 16-17.

<sup>239</sup> KONIG, 2015, p. 40.

<sup>240</sup> SCHLOSS, Eva. *Depois de Auschwitz*: o emocionante relato da irmã de Anne Frank que sobreviveu ao horror do Holocausto. São Paulo: Universo dos livros, 2013. p. 104.

<sup>241</sup> SCHLOSS, 2013, p. 110.

<sup>242</sup> Cf. SCHLOSS, 2013, p. 110.

<sup>243</sup> Cf. SCHLOSS, 2013, p. 101.



Auschwitz tinha ambos os tipos de campos. Esse gás, entretanto, vinha dos campos de extermínio, que eram apenas destinados a judeus, estratégia programada pelo Terceiro *Reich* após a Conferência de Wannese, em 1942, a qual reuniu membros superiores do governo da Alemanha nazista para decidir como seria tratada a problemática da “questão judaica”.

Schloss relata uma experiência marcante, ocorrida logo após descer do vagão e caminhar em direção à entrada de Auschwitz: “as *Kapos* eram prisioneiras que a SS [referindo-se ao Serviço Secreto] usava para administrar os campos. A maioria delas era composta por cristãs polonesas que estavam encarceradas em Auschwitz desde o início da guerra [...]”<sup>244</sup>. Convocadas pelo Serviço Secreto, essas prisioneiras eram criminosas que usufruíam de seus privilégios, obtidos por cooperar com as diversas formas de violência, para as quais recebiam todos os que chegavam à rede de campos. As *Kapos* também eram conhecidas por seus atos de terrorismo e devoção ao cristianismo nazista.

Essas proclamações imorais ocorridas no Holocausto fazem teólogos refletirem e se importarem com a problemática religiosa, sendo impelidos a lidar com o que tal fenômeno representou. Por isso, depois da Segunda Guerra, teólogos, como foi o caso do rabino Eliezer Berkovits, se preocuparam em responder sobre “a face oculta de Deus”.

Fingerman afirma que, “para Berkovits, está claro desde o início que a *Shoá* foi uma injustiça absoluta permitida por Deus, que tem a responsabilidade última por ter criado um mundo onde existe uma falta crônica de justiça”<sup>245</sup>. O rabino não esconde o fato de que Deus poderia ter ocultado sua face. A forma clara de reconhecer sua ausência teriam sido as injustiças concebidas contra o “povo eleito”. Logo, “a malignidade radical do holocausto [...]”<sup>246</sup> atribui a Deus um mal, o qual tal divindade podia ter evitado, em meio às suas responsabilidades como criador que elegeu o povo judeu como povo escolhido. Assim, Berkovits reconhece a problemática da ausência divina e classifica como uma forma de *martírio* (*Kidush Há-Shem*)<sup>247</sup> a fidelidade dos judeus que não negaram ou abandonaram sua fé pela convicção na divindade monoteísta.

---

<sup>244</sup> SCHLOSS, 2013, p. 105.

<sup>245</sup> FINGUERMAN, 2012, p. 61.

<sup>246</sup> FINGUERMAN, 2012, p. 61.

<sup>247</sup> Cf. FINGUERMAN, 2012, p. 61.

### 3.3 Pio XII e o Holocausto

No começo da década de 1930, Pio XII foi o arquiteto da ponte entre a Santa Sé e o Estado italiano. De 1910 a 1939, na Alemanha, houve um crescente número de judeus sendo perseguidos e judiados pelo sistema nazista. Com a ascensão de Mussolini e Hitler ao poder, Pio XII, Eugenio Pacelli foi designado pela comunidade religiosa ao papado, tornando-se o representante maior da Igreja Católica.

Em 1939, no período do Natal, o qual “[...] subentendia o ‘renascimento’ de Cristo e a renovação da esperança para salvar a humanidade do abismo”<sup>248</sup>, Pio XII emitiu radiomensagens na emissora do Vaticano, mas sem comentar sobre o Holocausto e a destruição dos judeus diante do plano sádico de Alfred Rosenberg, articulador da “Solução final”. Nelas, o pontífice não utilizava a palavra holocausto, muito menos genocídio. Tampouco alertava seus ouvintes a respeito dessa tragédia. Foi assim durante todo o percurso bélico da Segunda Guerra Mundial.

A tônica de suas radiomensagens de Natal são suas preocupações com a justiça e o caos iminente nas sociedades europeias. Nessa perspectiva, na *Summa Pontificatus*, sua famosa encíclica de 1939, trata sobre assuntos de natureza humana como orientações morais que uma sociedade deve seguir para a vida diante de Deus e dos homens, criticando também outras formas de política inerentes à vida. Nela, Pio XII assim discorre:

a negação da base fundamental da moralidade teve, na Europa, a sua raiz originária no afastamento daquela doutrina de Cristo, de que é depositária e mestra a cátedra de São Pedro; doutrina que, em tempos idos, dera certa coesão espiritual à Europa, a qual, educada, enobrecida e civilizada pela cruz, chegara a tal grau de progresso civil, que a fizera mestra de outros povos e de outros continentes<sup>249</sup>.

Afirmava, pois, que toda a Europa havia se corrompido pela imoralidade, ao se esquecer da doutrina católica e dar lugar a “[...] tão decantada laicização da sociedade, que tem feito progressos cada vez mais rápidos, subtraindo o homem, a família e o Estado ao benéfico e regenerador influxo da ideia de Deus e do ensino da Igreja”<sup>250</sup>. O pontífice estava, pois, convicto de que, em outros tempos, a Igreja havia brechado o avanço da violência.

Por outro lado, não era preocupação de Pio XII se pronunciar sobre o caos de tempos sofridos com apoio e feitos da “Igreja Redentora”. O “grande papa” chamava atenção da Igreja para a necessidade de voltar-se aos portões eclesiais e a Deus por meio do sacramento,

<sup>248</sup> SOFFIATTI, 2012, p. 143.

<sup>249</sup> PIO XII, 1939a, p. 7.

<sup>250</sup> PIO XII, 1939a, p. 7.

para a remissão dos pecados. Em sua encíclica, alertava, sim, sobre o mal humano relacionado à falta de caridade, que, então, considerava “[...] a causa de gravíssimos males à convivência pacífica dos povos”<sup>251</sup>. Na mesma encíclica, Pio XII “[...] condenou toda a espécie de totalitarismo, afirmando que o terrível desastre da guerra era fruto dos amargos erros e movimentos anticristãos”<sup>252</sup>.

Por não haver, naquele momento, noção clara sobre o que estava acontecendo com os judeus ou por não dar nome às formas de violência praticadas pelos nazistas, depois da Segunda Guerra, Pio XII foi alvo de algumas críticas. Os literatas entendiam que ele havia se omitido sobre o grave problema da *Shoah* e do genocídio dos judeus em suas cartas e encíclicas escritas na época de sua ascensão ao trono papal.

Para David Kertzer, “[...] nem o papa nem qualquer outra autoridade se opôs aos esforços do fascismo para despojar os judeus dos seus direitos”<sup>253</sup>, o que demonstrava a extensão do envolvimento da Igreja Católica com o antissemitismo, o qual marcou também a educação da qual, na juventude, Pio XII havia sido alvo. O que o pontífice fez foi, por meio de cartas, alertar os cidadãos e autoridades sobre os perigos de não seguir as ordens divina e papal, assim afirmando:

e eis-Nos convosco, que neste momento carregais o peso de tanta responsabilidade, porque por intermédio da Nossa voz escutais a de Cristo, de quem o mundo teve elevada escola de vida e no qual milhões e milhões de almas depositam a própria confiança nessas circunstâncias, em que só a sua palavra pode dominar todos os rumores da terra<sup>254</sup>.

Após sua ascensão, em primeiro momento, Pio XII omitiu o fato de que, mesmo antes de sua magistratura, os campos de concentração existiam e constituíam destino daqueles que não concordavam com o pensamento político do nazismo. Nem nas duas grandes importantes cartas a Franklin Delano Roosevelt, presidente dos Estados Unidos à época, houve menção minuciosa dos problemas encontrados na Europa. Na primeira carta escrita para Roosevelt, de 16 de março de 1940, o pontífice agradece a ajuda do exército norte-americano ao combate pelo sofrimento da Santa Igreja e de seus fiéis:

sim, podemos esperar que a lei natural, esculpida pelo Criador no coração dos homens, possa em breve, como deve, em última instância, prevalecer como a regra

<sup>251</sup> PIO XII, 1939a, p. 11.

<sup>252</sup> SOFFIATTI, 2012, p. 123.

<sup>253</sup> KERTZER, David I. *O Vaticano e os judeus: os papas e a ascensão do antissemitismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003. p. 354.

<sup>254</sup> PIO XII. *Radiomensagem “Un’ora grave”, do papa Pio XII aos governantes e aos povos no iminente perigo de guerra*. 1939b. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1939/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19390824\\_ora-grave.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1939/documents/hf_p-xii_spe_19390824_ora-grave.html)>. Acesso em: 22 maio 2018.

universal da conduta humana sobre caprichos arbitrários e interesses sórdidos que aqui e ali usurparam seu lugar, e que, em consequência, a crescente geração pode ser salva do analfabetismo moral com o qual está ameaçada. E assim, quando todos tiverem finalmente de perceber que a violência é fútil e que o ódio é uma força estéril, um mundo cansado pode se regozijar em uma paz construída sobre o fundamento sólido da justiça e firmemente unida pelos laços da caridade fraterna<sup>255</sup>.

Assim, o caminho para a paz, Pio XII asseverou, era a “caridade fraterna”, conceito que deriva dos ensinamentos do carisma da Igreja Católica. O analfabetismo moral, por sua vez, vem da negação de tais doutrinas, consequência da Modernidade, a qual, no começo do século XX, a igreja já havia refutado, o que não impediu que ela avançasse. Para Kertzer, a falta de pronunciamento da Santa Sé e do papa em relação ao morticínio de que eram vítimas os judeus e outros grupos vem do pacto recíproco entre as leis de Mussolini e a Igreja Católica. Afirma o mesmo autor que “as novas leis de Mussolini concretizavam medidas e concepções defendidas havia muito tempo pela própria Igreja”<sup>256</sup>. Eriksen, Harket e Lorenz, por sua vez, entende que os debates sobre os assassinatos em massa dos judeus são tema sobre o qual a Igreja e seus representantes foram levados a tomar decisões, afirmando sua convicção de que “a Igreja Católica e a Protestante fizeram diferentes alianças com o regime”<sup>257</sup>.

Finalizada a Segunda Guerra, os debates sobre a posição de Pio XII frente ao nazismo e ao Holocausto tomaram rumos nas universidades da Europa. Mais tarde, alguns documentos seriam disponibilizados publicamente, permitindo o acesso a arquivos até então secretos. Entretanto, “os textos que podiam documentar as razões para o silêncio da Igreja foram, eles próprios, silenciados”<sup>258</sup>. Isso porque existem arquivos aos quais o Vaticano não permite acesso, para a proteção da própria instituição clerical.

O silêncio do papa frente ao Holocausto é, assim, o cerne desse debate, centrando-se

[...] nos representantes de Deus, pois o papa Pio XII, sendo o chefe de uma igreja universal, não quis usar a sua palavra – que era a palavra de toda a Igreja Católica – para dizer não, e como sua pessoa era inseparável da Igreja como instituição, com o seu exemplo, remeteu a igreja ao silêncio e à aceitação do que se passava<sup>259</sup>.

Apesar de muitos documentos que a igreja levou a conhecimento público, os que retratam atos heroicos de certos bispos e cleros no sentido de tentar salvar os judeus não foram disponibilizados. Alguns documentos mostram cartas de Pio XII e de outros católicos

<sup>255</sup> PIO XII. *Letter of his holiness Pius XII to the president of the United States of America, Franklin Delano Roosevelt*. 1940. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/pius-xii/en/letters/documents/hf\\_p-xii\\_lett\\_19400316\\_presidente-usa.html](https://w2.vatican.va/content/pius-xii/en/letters/documents/hf_p-xii_lett_19400316_presidente-usa.html)>. Acesso em: 22 maio 2018.

<sup>256</sup> KERTZER, 2003, p. 356.

<sup>257</sup> ERIKSEN; HARKET; LORENZ, 2010, p. 535.

<sup>258</sup> ERIKSEN; HARKET; LORENZ, 2010, p. 536.

<sup>259</sup> ERIKSEN; HARKET; LORENZ, 2010, p. 535-536.

alertando sobre o nazismo e o antissemitismo. Entretanto, eles não conseguiram “[...] apagar a impressão de que, por interesse, as linhas políticas da Igreja Católica, com o conhecimento que tinha do Holocausto, e por ter feito as escolhas que fez, lembravam um pacto com o demônio”<sup>260</sup>.

Depois do Holocausto, alguns sobreviventes, como Eli Wiesel, deram entrevistas com o objetivo de falar quais eram seus sentimentos em relação à Igreja Católica e às atitudes de Pio XII, colaborando para contrapor um pensamento que se fez frequente em certos livros, como o de Gordon Thomas e de Pierre Blet e mostrando sua convicção de que “[...] o silêncio ajuda sempre o agressor”<sup>261</sup>, referindo-se ao papa e àqueles que se negaram a se manifestar, quando necessário, sobre a crueldade e o genocídio a que os judeus estavam sendo submetidos.

Em seu artigo *The Catholic Church and the Holocaust*, Stephen A. Allen explicita sua posição sobre o tema, trazendo para os católicos a responsabilidade pelo caos a que os judeus estavam sendo submetidos<sup>262</sup>. Sentencia o historiador que

os católicos, inclusive eu, que realmente desejam uma reconciliação com os judeus devem ir muito além de apenas se arrependerem pelo Holocausto. Antes de se confessar, um católico romano deve realizar um “exame de consciência” – uma consideração profunda dos pecados passados<sup>263</sup>.

Para o mesmo autor, o catolicismo foi um movimento no qual muitos que o integravam apoiavam o crescente desenvolvimento do nazismo. Os católicos tinham medo de serem atacados pelos nazistas; o terror e o medo tomaram formas concretas na pessoa de Pio XII. Ao mesmo tempo que o pontífice estava em silêncio, o Vaticano recebia cartas sobre o extermínio de diversos grupos, inclusive os judeus. Como afirmam Eriksen, Harket e Lorenz, “antes de julho de 1942, o Vaticano recebera diversos relatórios, de pelo menos nove países diferentes, onde [sic] estava a decorrer o genocídio dos judeus, inclusivamente da Polônia, onde foi relatada a destruição em massa com gás venenoso”<sup>264</sup>.

Logo, o massacre ocorria diante dos portões do Vaticano. Os judeus do gueto de Roma eram expostos à tortura e muitos morriam antes de chegar aos campos. Na Polônia e em outros países, bispos e cleros se posicionavam sobre propostas que tiveram dos nazistas

<sup>260</sup> ERIKSEN; HARKET; LORENZ, 2010, p. 537.

<sup>261</sup> WIESEL, Elie. Sobrevivente acusa Pio XII de se calar ante o Holocausto. *Terra*, jan. 2010. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/europa/sobrevivente-acusa-papa-pio-xii-de-se-calar-ante-o-holocausto,74999ce682a0b310VgnCLD200000bbceeb0aRCRD.html>>. Acesso em: 7 out. 2018.

<sup>262</sup> ALLEN, Stephen A. *The Catholic Church and the Holocaust*. 1998. Disponível em: <<https://origins.osu.edu/history-news/catholic-church-and-holocaust>>. Acesso em: 7 out. 2018.

<sup>263</sup> ALLEN, 1998, acesso em: 7 out. 2018.

<sup>264</sup> ERIKSEN; HARKET; LORENZ, 2010, p. 549.



em relação aos judeus. Muitos deles corriam risco de vida ao se pronunciar em defesa da vida do “povo escolhido”.

Uma ação católica contra o antissemitismo na Holanda, território ocupado pelas tropas nazistas, demonstra a ousadia de alguns bispos de falar sobre o tratamento desumanizador que os judeus recebiam, postura que foi de encontro à de Pio XII. A Irma Edith Stein esteve envolvida em ações desta natureza, sendo, por isso, deportada para Auschwitz, onde passou o resto de sua vida. Stephen Allen relata que,

em 1942, enquanto [Edith] Stein era uma refugiada na Holanda, os nazistas fizeram uma oferta aos bispos católicos holandeses. Se os bispos não se manifestassem contra a deportação de judeus da Holanda, os nazistas poupariam os judeus que haviam se convertido ao catolicismo. Os bispos recusaram e, em vez disso, emitiram uma carta denunciando as deportações e outras ações nazistas contra os judeus. Os nazistas, por sua vez, prenderam Stein e outros judeus convertidos e os enviaram para campos de concentração<sup>265</sup>.

Allen considera que tais bispos foram mais corajosos do que o próprio Pio XII face ao antissemitismo. Isso porque as igrejas católicas fora do Vaticano sofriam chantagem dos soldados nazistas, que, se soubessem de alguma ajuda que elas estivessem oferecendo aos judeus, liquidariam a vida das autoridades eclesiais<sup>266</sup>. Em duas cartas apostólicas, enviadas ao reverendo Norbert Boyne<sup>267</sup> e a Daniel Rivera, arcebispo na Bolívia<sup>268</sup>, Pio XII demonstra real preocupação com a Igreja Católica e seus fiéis.

### 3.4 Pio XII: um antissemita?

Em sua Encíclica *Summi pontificatus* e nas demais cartas e radiomensagens dos primeiros anos de seu pontificado, Pio XII certamente não tocou na situação violenta a que os judeus estavam sendo submetidos nos campos de concentração. O pontífice fez o que todo papa deveria fazer em momentos de Guerra, que é proteger a Igreja. O antissemitismo esteve em voga em todos os pontificados anteriores e até na cultura de donde veio Pacelli, tendo acolhida positiva e declarada em muitos partidos e povos.

<sup>265</sup> ALLEN, 1998, acesso em: 7 out. 2018.

<sup>266</sup> Cf. ALLEN, 1998, acesso em: 7 out. 2018.

<sup>267</sup> PIO XII. *Epistula apostolica*: Cum proxime. 1945. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/pius-xii/la/apost\\_letters/documents/hf\\_p-xii\\_apl\\_19440616\\_apostolato-preghiera.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xii/la/apost_letters/documents/hf_p-xii_apl_19440616_apostolato-preghiera.html)>. Acesso em: 10 abr. 2018.

<sup>268</sup> PIO XII. *Epistula apostolica*: Ad venerabiles fratres Danielelem Rivero, archiepiscopum surensensem Ceterosque Boliviae Episcopos et locorum ordinarios pacem et communionem cum apostolica sede habentes. 1943b. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/pius-xii/la/apost\\_letters/documents/hf\\_p-xii\\_apl\\_19411123\\_episcopato-bolivia.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xii/la/apost_letters/documents/hf_p-xii_apl_19411123_episcopato-bolivia.html)>. Acesso em: 10 abr. 2018.



Assim, não se pode perder de vista que o antissemitismo e o antijudaísmo sempre estiveram presentes na trajetória da igreja cristã. O exemplo mais próximo de Pio XII foi Pio IX, sobre quem recaem especulações de ter sido participante ativo no sequestro de um menino judeu de seis anos, sendo, por isso, acusado de antissemitismo<sup>269</sup>. Como seu secretário, em nenhum de seus arquivos Pio XII falou sobre o caso, sendo o antissemitismo moderno também parte de sua história. Sobre isso, Joaquim Blessmann assim reflete:

era Pio XII um antissemita? Certamente que não, pois a Igreja Católica, sob sua orientação e comando, salvou mais judeus da morte (cerca de 680 mil – alguns autores falam em um milhão, o que nos parece exagero) do que as outras instituições religiosas, organizações de resgates governamentais e não governamentais e a Cruz Vermelha Internacional<sup>270</sup>.

As palavras de Blessmann denotam parcialidade em prol de Pio XII, pois, quando se observa que o pontífice não procura saber sobre o Holocausto ou o nega, é notável a distância que tinha do povo e da realidade alemã. O que Blessmann esquece é de referir-se às vezes em que Pio XII praticava suas orações em seu quarto, em vez de articular planos que pudessem surtir efeitos no sentido de desmascarar o Holocausto em curso. Os resquícios do antissemitismo estavam em seus ombros, e publicamente não se dizia nada sobre as deportações dos judeus para os campos de extermínio e de concentração. Porém, as controvérsias não terminam aí. É sabido que a Igreja Católica assumiu, em toda ou boa parte de sua história, movimentos que encontraram espaço na sociedade e nas suas intuições, incluindo o antijudaísmo e o antissemitismo, que, em suas cartas, Pio XII não fez questão de mencionar.

Em seu livro “O papa de Hitler”, John Cornwell deixa em aberto a carta que Pio XII enviou a Hitler, saudando-o e abençoando seu governo, mesmo sabendo que o ditador alemão tinha propostas e atitudes antissemitas, as quais se podiam notar em 1939, na “Noite de Cristal”, em que se deu carta branca para quebrar templos e estabelecimentos de judeus, prendendo-os ou assassinando-os<sup>271</sup>.

<sup>269</sup> Sobre este caso, ler KERTZER, David I. *O sequestro de Edgardo Mortara*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

<sup>270</sup> BLESSMANN, 2003, p. 20.

<sup>271</sup> CORNWELL, 2000, p. 15.

## CONCLUSÃO

O século XX foi marcado pelo avanço da ciência, da tecnologia e da pesquisa envolvendo seres humanos. Por outro lado, foi o tempo em que se sucederam diversas práticas terroristas e racistas, as quais foram combustível para bárbaros crimes de guerra. Infelizmente, a época da razão declinou, com parte da humanidade sendo guiada às cegas por uma loucura que culminou com o surgimento do nazismo na Alemanha, afetando milhares de vidas de judeus e de grupos de excluídos (ciganos, homossexuais, entre outros) e que ainda afeta a vida social dos alemães.

O fascismo foi uma ideologia que marcou o século XX e se perpetua na atualidade. Nela, encontramos elementos que favorecem uma sociedade em que o poder é concentrado em um único indivíduo. Na contramão, vemos a democracia, cuja crise na sociedade moderna possibilitou a ascensão de tais utopias.

A chamada era fascista foi ganhando espaço no governo do qual Hitler era o *Reich*. Muitos aceitaram cegamente suas crenças e leis. Na contemporaneidade, debate-se com frequência se o governo do ditador teria, inclusive, recebido ajuda relevante da Igreja Católica para promover os avanços da política nazista na sociedade alemã e em outros países da Europa ocidental.

A ideia de que a Igreja Católica colaborou para o Holocausto dos judeus constituiu-se em alvo de questionamento nesta dissertação. Na tentativa de problematizar este ponto, buscamos destacar a discussão de Jonh Cornwell em seu livro e suas justificativas para ver em Pio XII “O papa de Hitler”.

Ocupante do principal posto da Igreja Católica no período de 1939-1958, Eugenio Pacelli foi uma figura que suscitou muitos questionamentos a respeito de seu comportamento como papa. Afinal, em suas encíclicas e radiomensagens, não se observa menção sobre as políticas hostis do nazismo, estando ausente posicionamento seu em favor dos judeus. O pontífice não denominava certos atos de Hitler para com os perseguidos. Por exemplo, genocídio, extermínio ou a existência de campos de concentração não eram mencionados em suas falas. Percebe-se, assim, sua parcialidade.

É importante destacar que as igrejas e a figura de um líder religioso, de certa maneira, colaboram com a transformação da sociedade, em função do poder político-religioso que representam. O carisma marcou o pontificado de Pio XII de maneira positiva, de tal modo que chega a ser considerado como o “papa da paz”. Entretanto, sua personalidade foi sendo moldada no decorrer de seu ministério.

Para alguns, o pontífice teria tentado converter o maior número de judeus possível, de modo que pudesse inseri-los em instituições relacionadas à Igreja e, desse modo, protegê-los dos horrores nazistas. Todavia, a forma e o motivo que o teriam levado a fazer isso levantam suspeitas em relação à autenticidade de seu altruísmo.

Para John Cornwell, Pio XII preservou heranças de seus antepassados, sobretudo, nas questões que se relacionam ao antissemitismo. Para o autor, isso teria levado o pontífice a um comportamento contraditório: ao mesmo tempo, ajudou os judeus, sem, contudo conseguir se desligar de sua raiz histórica antijudaísta. Portanto essas identidades foram manifestadas em grau mais elevado durante seu pontificado, quando precisou atuar como diplomata.

Membro da diplomacia católica, atendeu aos interesses da Igreja em preservar sua instituição e proclamar a evangelização, que foi o objetivo da concordata sérvia, ocorrida em 1914. Quando, para tal concordata, assumiu um papel central na liberdade do catolicismo em toda região comandada pelo nazismo, assumido também por Hitler como a religião oficial de seu império. Para o autor de “O papa de Hitler”, o martírio da fé não foi proclamado pelo papa Pio XII, pois não foi ativo como cristão, independente das suas consequências.

Nesta perspectiva, percebe-se que Pio XII estava apenas interessado em proteger os que foram considerados católicos, ou seja, os judeus católicos, os quais foram ajudados pelo fato de terem se convertido à religião dominante, ficando às cegas os que de fato mantinham a fé judaica ou aqueles que passaram a negá-la diante do sofrimento a que vinham sendo submetidos.

O antissemitismo foi outro fator em ascensão nas bases elementares da tomada de decisões do governo nazista. Trata-se de um fenômeno não natural, mas “naturalizado” no século XX. Pio XII sabia dessa corrente de pensamento, pois teve experiências de antissemitismo já na sua primeira infância, por ter tido professores e parentes próximos assumidamente antissemitas.

A Segunda Guerra provou a decadência civilizatória do século XX. Com a Crise de 1929, a Alemanha foi a nação que mais respondeu de forma autoritária, elegendo Hitler como o herói do seu imaginário político. A miséria e a pobreza são dois fatores que interferem na existência humana, chegando, algumas vezes, ao ponto de mudar valores ético- morais. O Holocausto foi o ápice da destruição desse acontecimento histórico, arruinando, sobretudo, a vida dos judeus.

Palavra com raízes na bíblia hebraica, remontando aos tempos de sacrifício e redenção, o holocausto foi mais um elemento significativo na história desse povo. Na

modernidade, foi o ponto alto de um ódio implantado pela religião dominante, a saber, a religião católica, tendo como colaboradores reis e impérios.

Considerado o Terceiro *Reich*, Hitler e seus compatriotas alcançaram muitos dos seus objetivos na sociedade alemã, por este posicionar-se como salvador e redentor da nação e por construir uma boa relação com a Igreja. Tal relação ora era parcial, ora imparcial. Isso fez com que Pio XII não buscasse conhecer a fundo seus projetos, sendo afetado pela ignorância e desconhecimento. O silêncio sobre o Holocausto nas suas cartas mostrou esse desconhecimento e falta de preocupação real com o sofrimento dos judeus da Alemanha e de outros países.

A crise civilizatória também traz, em parte, uma crise da fé. Não se via católicos dentro dos campos, apenas os de fé judaica. Em tempos difíceis, muito judeus perdiam a crença em Deus, por ver e viver situações aterrorizantes dentro e fora dos campos de concentração. O vazio de sentido e de perspectivas incomodava a mente dos indivíduos expostos ao sofrimento.

Deus estava morto com os demais judeus que morreram e foram vítimas de crueldades nazistas. Deus, na reflexão judaica, perpassa pelo tema de perdão e sofrimento. A falta de sensibilidade dos nazistas foi produto da falta de racionalidade e pouca espiritualidade; o sofrimento produzido pelos nazistas era parte de sua consciência sádica e perversa, uma parte obscura, portanto.

A democracia tem sido acolhida como caminho para a liberdade e a convivência harmônica entre os homens, de modo que, sem seu adequado funcionamento, emergem os regimes totalitários, marcados por governos que infringem direitos humanos mais básicos. Na prática totalitarista, as instituições passam a servir ao Estado ditador. Após a Segunda Guerra, inverter o quadro de intolerância e violência para uma sociedade inclusiva e de respeito ao próximo passou a ser uma busca em que a Igreja Católica tem mostrado empenho.

## REFERÊNCIAS

ALLEN, Stephen A. *The Catholic Church and the Holocaust*. 1998. Disponível em: <<https://origins.osu.edu/history-news/catholic-church-and-holocaust>>. Acesso em: 7 out. 2018.

ARENDT, Hannah. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo e totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BARBOSA, David Sampaio. O Concílio do Vaticano 1 e o governo português (1869-1870). *Lusitânia Sacra*, s. 2, n. 1, p. 11-40, 1989. Disponível em: <[https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4854/3/LS\\_S2\\_01\\_DavidSBarbosa.pdf](https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/4854/3/LS_S2_01_DavidSBarbosa.pdf)>. Acesso em: 10 abr. 2018.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Holocausto*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

BELLITTO, Christopher. M. *História dos concílios da Igreja: de Niceia ao Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2010.

BLESSMANN, Joaquim. *O holocausto, Pio XII e os aliados*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

BLET, Pierre. *Pie XII et la Seconde Guerre Mondiale: d'après les archives du Vatican*. Paris: Academique Perrin, 1997.

CARDOSO, Elza Silva. *Contra o liberalismo, a favor da democracia: a concepção política da Igreja Católica em meados do século XX*. 2009. 132 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2009.

CARTA antissemita de Richard Wagner vai a leilão em Israel. *Deutsche Welle*. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/carta-antissemita-de-richard-wagner-vai-a-leil%C3%A3o-em-israel/a-43488992>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

CAVALCANTE, Ania. *O universo concentracionário nazista de 1933 a 1945 e a implementação da “Solução Final da Questão Judaica”, 1941-1945*. 2008. Disponível em: <[http://diversitas.fflch.usp.br/files/active/0/Aula\\_4.pdf](http://diversitas.fflch.usp.br/files/active/0/Aula_4.pdf)>. Acesso em: 5 nov. 2018.

CORNWELL, John. *O papa de Hitler: a história secreta de Pio XII*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

\_\_\_\_\_. *Seminary boy*. New York: Doubleday, 2006.

DANA, Miriam Jerade. Nacionalismo y antisemitismo: Hannah Arendt sobre la cuestión judía y el Estado nación. *Revista Mexicana de Ciencias Políticas y Sociales*, LX, sep./dic. 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=42141200013>>. Acesso em: 1 dez. 2018.

ELIAS, Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

ERIKSEN, Trond Berg; HARKET, Hakon; LORENZ, Einhart. *História do antissemitismo: da antiguidade aos nossos dias*. Lisboa: Editora 70, 2010.

- FEST, Joachim C. *Hitler*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- FEST, Joaquim. *No bunker de Hitler: os últimos dias do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.
- FINGUERMAN, Ariel. *A teologia do Holocausto: como os pensadores judeus e cristãos explicaram Auschwitz*. São Paulo: Paulus, 2012.
- FRIEDLANDER, Saul. *Pio XII e a Alemanha nazi: documentos*. Lisboa: Moraes, 1967.
- GEARY, Dick. *Hitler e o nazismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
- GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisas*. São Paulo: Atlas, 2002.
- GUERRA, Andréa Trevas Maciel. Do holocausto nazista à nova eugenia no século XXI. *Ciência e Cultura*, v. 58, n. 1, p. 4-5, 2006.
- GUTERMAN, Marcos. *A moral nazista: uma análise do processo que transformou crime em virtude na Alemanha Nazista*. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2015.
- HOBBSBAWM, Eric. *A era dos extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Era dos impérios: 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- HOCHHUTH, Rolf. *O vigário*. São Paulo: Grijalbo, 1965.
- JOHN Cornwell. Disponível em: <<https://www.wook.pt/autor/john-cornwell/8162>>. Acesso em: 28 maio 2018.
- KERSHAW, Ian. *Hitler*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- KERTZER, David I. *O sequestro de Edgardo Mortara*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O Vaticano e os judeus: os papas e a ascensão do antissemitismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- KONIG, Nanette Blitz. *Eu sobrevivi ao Holocausto*. São Paulo: Universo dos Livros, 2015.
- KURZMAN, Dan. *Conspiração contra o Vaticano: o plano secreto de Hitler para sequestrar o Papa Pio XII*. São Paulo: Zahar, 2008.
- LEFORT, Claude. *A invenção da democracia: os limites da dominação totalitária*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- LENN, Lottie; H; REARDON, Mary A. *O Papa Pio XII: baluarte da paz*. São Paulo: Melhoramentos, 1954.
- SENDER, Toba. Moisés e o monoteísmo: uma teoria para o antissemitismo. In: LEWIN, Helena. (Coord.) *Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-relações*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009.



LOSURDO, Domenico. *Contra-história do liberalismo*. São Paulo: Ideias & Letras, 2006.

MANDELBAUM, Henrique. Algumas considerações sobre judeus, judaísmo e Antissemitismo. *Revista USP*, São Paulo, n. 93, 2012.

MELO, Carlos Veloso de. *Pio XII (1876-1958)*. São Paulo: Três, 1974.

O NAZISMO segundo Heidegger: “Hitler desperta nosso povo”. *Instituto Humanitas Unisinos*, out. 2016. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/185-noticias/noticias-2016/561279-o-nazismo-segundo-heidegger-hitler-desperta-nosso-povo>>. Acesso em: 22 fev. 2019.

ORICO, Osvaldo. *Pio XII e o massacre dos judeus*. Rio de Janeiro: Reper, 1966.

PHILIPP, Bárbara. 1963: peça “O vigário” denuncia omissão do Vaticano no nazismo. *DW-Deustsch Welle*. Disponível em: <<http://p.dw.com/p/1rwc>>. Acesso em: 7 maio 2018.

PIO IX. *Encíclica Quanta Cura del sommo pontefice Pio IX*. 1864. Disponível em: <<https://w2.vatican.va/content/pius-ix/it/documents/encyclica-quanta-cura-8-decembris-1864.html>>. Acesso em: 4 set. 2018.

PIO XII. *Carta Encíclica Mystici Corporis do sumo pontífice papa Pio XII*. 1943a. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_29061943\\_mystici-corporis-christi.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi.html)>. Acesso em: 3 maio 2018.

\_\_\_\_\_. *Carta Encíclica Summi Pontificatus do sumo pontífice papa Pio XII*. 1939a. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_20101939\\_summi-pontificatus.html](https://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_20101939_summi-pontificatus.html)>. Acesso em: 10 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. *Epistula apostolica: Cum proxime*. 1945. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/pius-xii/la/apost\\_letters/documents/hf\\_p-xii\\_apl\\_19440616\\_apostolato-preghiera.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xii/la/apost_letters/documents/hf_p-xii_apl_19440616_apostolato-preghiera.html)>. Acesso em: 10 abr. 2018.

PIO XII. *Epistula apostólica: Ad venerabiles fratres Danielelem Rivero, archiepiscopum surensensem Ceterosque Boliviae Episcopos et locorum ordinarios pacem et communionem cum apostolica sede habentes*. 1943b. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/pius-xii/la/apost\\_letters/documents/hf\\_p-xii\\_apl\\_19411123\\_episcopato-bolivia.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xii/la/apost_letters/documents/hf_p-xii_apl_19411123_episcopato-bolivia.html)>. Acesso em: 10 abr. 2018.

\_\_\_\_\_. *Letter of his holiness Pius XII to the president of the United States of America, Franklin Delano Roosevelt*. 1940. Disponível em: <[https://w2.vatican.va/content/pius-xii/en/letters/documents/hf\\_p-xii\\_lett\\_19400316\\_presidente-usa.html](https://w2.vatican.va/content/pius-xii/en/letters/documents/hf_p-xii_lett_19400316_presidente-usa.html)>. Acesso em: 22 maio 2018.

\_\_\_\_\_. *Radiomensagem “Un'ora grave”, do papa Pio XII aos governantes e aos povos no iminente perigo de guerra*. 1939b. Disponível em: <[http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1939/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19390824\\_ora-grave.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/speeches/1939/documents/hf_p-xii_spe_19390824_ora-grave.html)>. Acesso em: 22 maio 2018.

POTESTÀ, Gian Luca. *História do cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2013.

RADIOMENSAGEM DO NATAL DE 1943: *Natal de Guerra*. Petrópolis: Vozes, 1951. (Documentos Pontifícios).

REES, Laurence. *O Holocausto: uma nova história*. São Paulo: Vestígio, 2018.

RITTNER, Carol; ROTH, John K. *Pope Pius XII and the Holocaust*. London; New York: Bloomsbury, 2016. Disponível em: <<http://www.worldcat.org/title/pope-pius-xii-and-the-holocaust/oclc/957490938/viewport>>. Acesso em: 16 abr. 2018.

SCHILLING, Voltaire. *Holocausto: das origens do povo judeu ao genocídio nazista*. Porto Alegre: Age, 2016.

SCHLOSS, Eva. *Depois de Auschwitz: o emocionante relato da irmã de Anne Frank que sobreviveu ao horror do Holocausto*. São Paulo: Universo dos livros, 2013.

SHIRER, William. *Ascensão e queda do Terceiro Reich*. v. 1: Triunfo e consolidação, 1933-1939. Rio de Janeiro: Agir, 2008.

SOFFIATTI, Elza Silva Cardoso. *Pio XII e as origens do Concílio Vaticano II*. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-graduação em História, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 2016.

SOLIN, Pierre. *O antissemitismo alemão*. São Paulo: Perspectiva, 1974.

SORJ, Bila. Anti-semitismo na Europa hoje. *Novos Estudos – Cebrap*, São Paulo, n. 79, p. 97-115, nov. 2007. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-33002007000300005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300005&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 1 dez. 2018.

SOUZA, Luiz Tarciso. *Um estudo sobre as principais acusações e defesas do antissemitismo e omissão de Pio XII nos episódios da Shoah*. Dissertação (Mestrado em Teologia Sistemática) – Pontifícia Católica de São Paulo, 2013.

SOUZA, Ney de. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. *Ciberteologia*, ano 1, ed. 2, out./dez. 2005. Disponível em: <<https://ciberteologia.com.br/post/artigo/contexto-e-desenvolvimento-historico-do-concilio-vaticano-ii>>. Acesso em: 5 maio 2018.

STEIGMANN, Richard. *O santo Reich: concepções nazistas do cristianismo - 1919-1945*. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

STRANKSKY, Thomas F. Prefácio. In: BLET, Pierre. *Pie XII et la Seconde Guerre Mondiale: d'apres les archives du Vatican*. Paris: Academique Perrin, 1997.

THOMAS, Gordon. *Os judeus do papa: o plano secreto do Vaticano para salvar os judeus das mãos dos nazistas*. São Paulo: Geração Editorial, 2013.

TOTA, Pedro. Segunda Guerra Mundial. In: MAGNOLI, Demétrio. (Org.). *História das guerras*. São Paulo: Contexto, 2006.

ULRICH, Volker. *Adolf Hitler: anos de ascensão:1889-1939*. v. 1. São Paulo: Amariyls, 2015.

VOEGLIN, Eric. *Hitler e os alemães*. São Paulo: É Realizações, 2007.

WIESEL, Elie. Sobrevivente acusa Pio XII de se calar ante o Holocausto. *Terra*, jan. 2010. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/noticias/mundo/europa/sobrevivente-acusa-papa-pio-xii-de-se-calar-ante-o-holocausto,74999ce682a0b310VgnCLD200000bbcceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 7 out. 2018.

ZINHOBLE, Rudolf. De Pio IX a Bento XV. In: LENZENWEGER, Josef et al. (Eds.). *História da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2006a.

\_\_\_\_\_. Do fim da Primeira Guerra Mundial a Pio XII. In: LENZENWEGER, Josef et al. (Eds.). *História da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2006b.

\_\_\_\_\_. Do Vaticano II à atualidade. In: LENZENWEGER, Josef et al. (Eds.). *História da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola, 2006c.

